

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN**  
**CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL**  
**LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS**

RAFAELLA MELIZA ANDRADE DE LIMA

**DESARQUIVANDO A HISTÓRIA: MEMÓRIAS DA DITADURA NA VOZ DA  
PERSONAGEM HELENA EM *TROPICAL SOL DA LIBERDADE*, DE ANA  
MARIA MACHADO**

PATU

2017

**RAFAELLA MELIZA ANDRADE DE LIMA**

**DESARQUIVANDO A HISTÓRIA: MEMÓRIAS DA DITADURA NA VOZ DA  
PERSONAGEM HELENA EM *TROPICAL SOL DA LIBERDADE*, DE ANA  
MARIA MACHADO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – do *Campus* Avançado de Patu – CAP, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras, sob a orientação da Prof. (a) Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto.

PATU

2017

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

L732d Lima, Rafaella Meliza Andrade de  
Desarquivando a História: Memórias da ditadura na voz da personagem Helena em *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado. / Rafaella Meliza Andrade de Lima. - Patu, Rio Grande do Norte, 2017.

78p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Francisca Laila.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Personagem feminina. 2. Helena. 3. Memória. 4. Ditadura militar. I. Laila, Francisca. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

RAFAELLA MELIZA ANDRADE DE LIMA

**DESARQUIVANDO A HISTÓRIA: MEMÓRIAS DA DITADURA NA VOZ DA  
PERSONAGEM HELENA EM *TROPICAL SOL DA LIBERDADE*, DE ANA  
MARIA MACHADO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN — do *Campus* Avançado de Patu – CAP, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovada em 19/10/2017.

**Banca Examinadora**

Francisca Laila Ribeiro Pinto

Ma. Francisca Laila Pinto Ribeiro - Presidente  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Annie Tarsis Moraes Figueiredo

Ma. Annie Tarsis Moraes Figueiredo - Examinadora  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Larissa Cristina Viana Lopes

Ma. Larissa Cristina Viana Lopes - Examinadora  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

PATU  
2017

## DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus pelo dom da vida e pela possibilidade de estar vivendo esse sonho, tendo a Tua luz como guia sobre meus passos. Dedico a minha família, meu alicerce e minha força vital. Dedico aos meus amigos verdadeiros, que choraram junto comigo e hoje da mesma forma sorriem por uma vitória que é nossa. Dedico aos meus professores, minhas inspirações e exemplos nobres de seres humanos e profissionais. Dedico a todos que, de forma direta ou indiretamente, perto ou longe, me incentivaram e sonharam junto comigo durante esses quatro anos.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão, uma palavra, um sentimento, uma virtude, um dom. Bem-aventurado é aquele que agradece! Me faltam palavras para tentar descrever o meu sentimento de gratidão perante à todos que estiveram caminhando comigo de pés descalços nessa estrada de sol árduo e por vezes até de espinhos, mas que no fim chegamos juntos ao destino almejado das flores.

Agradeço primeiramente a Deus, meu Pai, meu Amigo e Ajudador, por ter me presenteado e confiado à benção/oportunidade de por meio do primeiro vestibular conseguir ingressar em uma universidade, sonho maior de qualquer jovem e sonho esse que meus pais e avós não puderam conquistar, em virtude da vida rural e humilde. Mas como se não bastasse, Ele não cessou o Seu amor e graça, estando ao meu lado ao longo desses quatro anos, me capacitando, me ajudando, secando as minhas lágrimas e me dando uma força que eu nunca imaginei que pudesse ter.

Em segundo, agradeço a minha família, em especial, minha mãe Betânia e meu pai Raimundo, por sempre acreditarem em mim, até mesmo quando eu não acreditara. Pelo amor, pelo cuidado incessante, e pelo incentivo diário nas palavras mais simples, mas carregadas de uma verdade que o meu coração sempre soubera reconhecer. Com o mesmo sentimento, agradeço aos meus avós Dona Fátima, Seu Francisco e Seu João, por serem meus exemplos e mais que seus papéis, me dando todo o suporte, estímulo e encorajamento na busca dos meus sonhos que eu sei que também são os teus. Agradeço à minhas irmãs Rayanne e Raysse, por suportarem os meus estresses e pelas movimentações noturnas. Pela compreensão e ajuda nos momentos nos quais mais necessitei. Agradeço também as minhas tias Graça e Aparecida, que desde o início dessa caminhada me deram conselhos, ânimo e, sobretudo apoio mesmo de longe. Do mesmo modo, agradeço ao meu namorado Jhonny e aos seus pais Joceilma e Eliosvaldo, por também estarem comigo nessa trajetória, me ajudando e torcendo por mim. Amo a todos vocês!

Em terceiro, agradeço aos meus amigos, aqueles que verdadeiramente estiveram do meu lado, me erguendo nas tristezas e dividindo sorrisos nos momentos de conquistas, na esperança dessa grande vitória. Aqueles que perto

ou longe estiveram comigo em pensamento e coração. Agradeço imensamente a Françueldo, Sara, Daniel, Suzana e Raquel, que de alguma forma estiveram comigo nessa fase tão importante da minha vida. Pelas parcerias, conversas, sugestões, e acima de tudo incentivo. Agradeço também a todos os meus colegas da turma, que mesmo com as divergências e atritos aprendemos muito uns com os outros, como pessoas e futuros profissionais na Educação. Desejo sucesso a todos! Em especial, agradeço as amigas que a faculdade me presenteou e batizou o nosso grupo de 'As Parceiras', devido à apresentação coletiva de um seminário sobre a obra "As Parceiras" da autora Lya Luft, meu obrigada a: Mônica, Adna, Anne e Heloisa. Vocês são maravilhosas, meninas!

Agradeço também às duas turmas colaboradoras para os meus dois estágios supervisionados. Foram experiências extraordinárias que me fizeram crescer, com aprendizados que levarei para toda a vida. Em especial, agradeço a três alunos que mudaram a minha vida, e me fizeram ter a certeza da profissão e área que devo seguir. Obrigada Emilly, Lucas e Witória, a Literatura e a Arte as levarão aos mais belos lugares!

Em quarto, agradeço a todos os meus professores do curso de Letras (Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas) do CAP-UERN, em especial a professora Larissa Cristina Viana Lopes, que de um jeito encantador despertou em mim uma grande afeição pela literatura, através de suas disciplinas ministradas. Afeição essa que se intensificou e garantiu minhas veredas na área com a chegada da professora e minha orientadora Francisca Laila Pinto Ribeiro. Pessoa e profissional arretada que sem dúvidas é minha inspiração e exemplo em relação à profissão a qual escolhi. Obrigada pela orientação valiosa, pelos conselhos, assistência, paciência e apoio. Patativa do Assaré te descreveu quando disse: "Não nego meu sangue, não nego meu nome, / Olho para fome e pergunto: o que há? / Eu sou brasileiro fio do Nordeste, / Sou cabra da peste, sou do Ceará." Também me faço agradecida a professora Annie Tarsis Morais Figueiredo pelas contribuições valiosas dadas através das oportunidades de minicursos arrancou de mim ainda mais fascínio pela literatura e seus estudos.

De modo geral, agradeço imensamente as componentes de minha banca: a professora, orientadora e presidente da banca Ma. Francisca Laila Pinto Ribeiro, as examinadoras Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo e Ma.

Larissa Cristina Viana Lopes, mulheres extraordinárias, inspiradoras e certas referências de profissionais.

Por último e não menos importante, também agradeço aos desafios, as dificuldades e pedras no meio do caminho, pois se não fossem por essas eu não estaria aqui. Drummond já dizia: “No meio do caminho tinha uma pedra / Tinha uma pedra no meio do caminho / Tinha uma pedra / No meio do caminho tinha uma pedra [...]” Todas as pedras achadas no meio do caminho são necessárias, pois com elas construiremos belos e inabaláveis castelos. E a jornada continua...

*É preciso não ter medo,  
é preciso ter a coragem de dizer.  
O homem deve ser livre...*

(Carlos Marighella)

## RESUMO

O presente trabalho monográfico visa investigar como é construída a personagem Helena através de suas memórias sobre o contexto ditatorial, no romance *Tropical sol da liberdade* (1988), da escritora e também jornalista Ana Maria Machado. O nosso *corpus* apresenta o desarquivamento acerca da história do período da ditadura militar entre os anos 60 e 70, através das confissões e das confidências da personagem Helena Maria de Andrade. Nossa análise consiste na metodologia de teórico-analítica, na qual se solidifica por meio do uso das categorias de análise personagem e memória. Essas visam em nosso trabalho estudar e constatar como é construída a personagem Helena a partir de suas memórias íntimas, afetivas e coletivas, que em um objetivo mais amplo buscam desarquivar o discurso da mulher no contexto de ditadura militar. Como lastros teóricos primordiais para a nossa pesquisa, usamos Rosa Montero (1995) e Michelle Perrot (2013) na discussão sobre a trajetória histórica da mulher, Maria Araújo, Isabel da Silva, e Desirree dos Santos (2013) que nos cedem dados históricos a cerca do contexto de ditadura militar, bem como a mulher na ditadura militar por Renata Meireles (2011). Além do aparato teórico no comportamento de nossa categoria de análise: personagem<sup>1</sup> com Antônio Cândido (1976), Beth Brait (1985), Cândida Gancho (1991) e Luís Cardoso (2003). Dentro dessas discussões, sob a ótica da crítica feminista em Cunha (2012, *apud* Macedo, 2005) e Zolin (2013) traçaremos paralelos entre a personagem e a perspectiva feminista-histórica da mulher. Trataremos também de memória<sup>2</sup> com as impositões de Henri Bergson (1896; 1999) sobre memória particular e Maurice Halbwachs (1991; 2006) sobre a memória coletiva. Assim, a análise do *corpus* nos provoca verificar que a personagem Helena age como uma mulher a frente de seu tempo, ousada e militante, que confia criticamente acerca do contexto de ditadura militar, com base no seu mais elevado ideal de justiça que se constrói na narrativa como um entrelaço de suas memórias particulares com as memórias históricas ditatoriais.

**Palavras-chave:** Personagem feminina. Helena. Memória. Ditadura militar.

---

<sup>1</sup> Categoria de análise: Personagem - Teoria da personagem.

<sup>2</sup> Categoria de análise: Memória - Teoria da memória.

## ABSTRACT

This research aims to investigate how the feminine main character is built through its memories on the dictatorial context, on the novel *Tropical sol da liberdade* (1988), from the writer and also journalist Ana Maria Machado. Our corpus presents the unfile about the military dictatorship's period history between the 60's and 70's years through the confessions and confidence of the character Helena Maria de Andrade. Our analysis consists on the theory-analytical, in which solidifies itself through the use of the analysis categories character and memory. Those aim to in our work study and establish how is build the character Helena from its intimate, affective and collective memories, that in a broader goal seeks to unfile the women's speech at the military dictatorship's context. As weights for our research main theorists, use Rosa Montero (1995) and Michelle Perrot (2013) in the discussion about the historical trajectory of the woman, Maria Araújo, Isabel da Silva, and Desirree dos Santos (2013) we give in historical data about the context of dictatorship military, as well as the woman in the military dictatorship by Renata Meireles (2011). In addition to the theoretical apparatus in our categories of behavior analysis: character<sup>3</sup> with Antônio Cândido (1976), Beth Brait (1985), Cândida Gancho (1991) and Luís Cardoso (2003). Within these discussions from the perspective of feminist criticism in Cunha (2012, *apud* Macedo, 2005) and Zolin (2013) we will draw parallels between the character and the feminist perspective on women's history. We will try also the memory<sup>4</sup> settings of Henri Bergson (1896; 1999) about particular memory and Maurice Halbwachs (1991; 2006) about the collective memory. Thus, the analysis of the *corpus* provokes us to see that the character Helena acts as a woman ahead of your time, daring and militant, who confides critically within the context of the military dictatorship, based on your highest ideal of Justice that is built into the narrative as a and interlacing of your memories with the dictatorial historical memories.

**Keywords:** Female character. Helena. Memory. Military dictatorship.

---

<sup>3</sup> Category of analysis: Character - Theory of the character.

<sup>4</sup> Category of analysis: Memory - Theory of memory.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>POR TRÁS DE GRANDES MULHERES HÁ SEMPRE GRANDES MULHERES</b> .....	<b>18</b>
2.1	MULHER E HISTÓRIA: DESARQUIVANDO A TRAJETÓRIA EM TRAJETÓRIAS.....	21
2.2	MULHER E A DITADURA MILITAR: ENTRE O SER, O ESTAR E O SENTIR.....	27
2.3	RELAÇÕES E DESTINOS: O ENCONTRO DE MARIAS NA IMPRENSA DITATORIAL.....	33
<b>3</b>	<b><i>TROPICAL SOL DA LIBERDADE: TERRA DAS MEMÓRIAS E CEMITÉRIO DAS DORES</i></b> .....	<b>40</b>
3.1	HELENA MARIA DE ANDRADE: A PERSONAGEM E FRAGMENTOS DE SEU EU.....	41
3.2	O DESARQUIVAR DITATORIAL A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE HELENA: MEMÓRIAS, PESADELOS E ESTILHAÇOS.....	59
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>72</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

O trabalho a que nos propusemos realizar incide na análise sob a metodologia da teoria literária, tendo como *corpus* o romance *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado. Esta sugere um tom político, na qual apresenta através da disposição ficcional resquícios fortes de nudez da realidade histórica de ditadura militar entre os anos 60 e 70.

Nesse cenário, o romance traz à tona as memórias engajadas nas vivências das primeiras movimentações e manifestações estudantis contra a vigência, além de relatos sobre situações de exílio e retratos sobre os mecanismos de repressão bem como as formas de resistência. Ecoando assim, a voz de uma geração outrora silenciada, militante e gananciosa pelo “sol da liberdade” chamado democracia.

Com base nesses reconhecimentos, percebemos que o romance trata-se de uma narrativa na qual, em sua fabulação, há uma ficção que relê uma realidade histórica. De modo que esta dialoga com um fato histórico real que foi o regime ditatorial, e para tanto não há como separar realidade de ficção. Essa pontuação é justificada pela estética da obra pós-moderna que segundo Linda Hutcheon (1988) traz em seu escopo a alta reflexão a cerca de si e do seu redor, a menção e aprofundamentos de personagens e acontecimentos históricos imbricados num objetivo maior de construção da literatura.

À vista dessas impostações, a nossa pesquisa objetiva-se em investigar como é construída a personagem protagonista Helena através de suas memórias sobre o contexto ditatorial nos estados anos 60 e 70, no romance *Tropical sol da liberdade* (1988), de Ana Maria Machado. Para tal completude, os nossos designios específicos são: o detalhamento do contexto histórico-social de ditadura da personagem Helena no romance, a transcrição e análise das memórias vozeadas pela personagem, de modo a relacionar estas com as características da personagem Helena na construção de seu perfil.

Assim, a nossa pesquisa quanto aos procedimentos referentes ao objeto, caracteriza-se como teórico-analítica, feita a partir da observação de dados analíticos já construídos e já publicados nos diversos meios na modalidade escrita, sendo suscetível a interpretações (GIL, 2008). Essa tipologia

de pesquisa é ordinária em nosso trabalho, em virtude das recorrências bibliográficas históricas referentes à trajetória da mulher e contexto de ditadura militar, bem como teóricas, feitas para aportar as impostações sobre a literatura e sociedade, além de nossas categorias de análise: memória e personagem. Assim, partimos da leitura de teorias que abordem sobre o contexto da ditadura, mulher e imprensa, bem como a leitura das categorias de análise, para, após destas, adentrarmos na leitura do romance *Tropical Sol da Liberdade*, de Ana Maria Machado.

Nosso interesse surgiu a partir do contato com as disciplinas de teoria da literatura e literatura brasileira. De modo a nos deparamos com indicações de leitura literárias fortemente engajadas na representação da realidade e denúncia social, como: *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo, *Capitães de Areia* (1937) de Jorge Amado, *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, *O Quinze* (1930) de Rachel de Queiroz, e *Grande Sertão: Veredas* (1956) de João Guimarães Rosa. Vimos ainda o jugo literatura e sociedade com a representação feminina nos estudos de perfil, identidade e memória com um tom revelador e confidencial, nas obras de: *As Parceiras* (1980) de Lya Luft, *Dom Casmurro* (1989) de Machado de Assis, *A hora da Estrela* (1977) de Clarice Lispector, e *Senhora* (1875) de José de Alencar. Essa combinação abrasadora fez-se motivação para a intensificação do apreço e inclinação para o estudo da figura feminina como voz declaradora da sociedade, em específico na época de ditadura militar.

A partir desse encontro de efeitos, ancoramos nossas perspectivas analíticas nas categorias de análise: a personagem, sendo “a impressão da mais lídima verdade existencial”, por meio “de um ser fictício” (CANDIDO, 1976, p. 55). Ao modo que nas entrelinhas dessas palavras, Cândido aborda sobre o caráter de verossimilhança (proximidade com o real) exigido da obra literária, o qual o leitor, ao deparar-se com a personagem, se convence de sua verdade existencial e suas respectivas ações no desenrolar do enredo, formando uma ponte entre a ficção e a realidade.

Assim, as personagens são vistas e entendidas para alguns estudiosos como fragmentos colocados e organizados pelo seu criador, “como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão” (BRAIT, 1985, p. 52), que ganham vivacidade na obra literária e até mesmo fora dela em seu processo de criação.

Visando ainda sobre nossas perspectivas analíticas, pensamos nas memórias como a nossa segunda categoria de análise, de modo que esta se conceitua na forma pessoal e social de leitura e visualização do mundo através das diversas imagens, e a apreensão desse mundo materializado nessas imagens é engavetada, deixando marcas gravadas no corpo (BERGSON, 1999).

Na correlação teórica sobre memórias, tratamos dessa categoria numa visão interna para a externa, de maneira que a memória individual parte do pessoal e a memória coletiva equivale a lembranças nas quais o pensante está inserido, e não apenas ele. Desse modo, essas memórias se acoplam e apresentam plenitude quando há uma concordância entre elas “para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum” (HALBWACHS, 2006, p. 39).

A temática proveniente dessa pesquisa centra-se na voz de expressão silenciada de toda uma geração no contexto de ditadura militar permeados nos anos 60/70, e trazida à tona por meio das memórias e da voz da personagem feminina Helena no romance *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado. Assim, o grito de milhões juntamente com a ousadia do ser feminino outorgaram a voz de Helena e de um país quebrando paradigmas como o de que “ser uma mulher na política, ou ainda, ser uma ‘mulher política’, parecia ser uma antítese da feminilidade” (PERROT, 2013).

Nessa perspectiva, no primeiro capítulo teórico, intitulado de “POR TRÁS DE GRANDES MULHERES HÁ SEMPRE GRANDES MULHERES”, realizamos uma revisão bibliográfica de algumas pontuações introdutórias relevantes, revendo algumas abordagens básicas de Literatura e Sociedade com Cândido (1976). Dessa forma, o capítulo se divide em dois subitens.

Em 2.1 *Mulher e História: Desarquivando a trajetória em trajetórias*, efetuamos leituras referentes à conjectura histórica sobre as mulheres e a crítica feminista, com *Histórias de mulheres*, de Montero (1995) e *Minha História das mulheres* com Perrot (2013).

Em 2.2 *Mulher e a Ditadura Militar: entre o ser, o estar e o sentir*, introduzimos com a contextualização da ditadura, a partir das autoras Araújo, Silva, e Santos (2013). A mulher na ditadura militar com Meireles (2011), e a militância das mulheres na ditadura com Nascimento, Trindade e Amâncio (2014). Em 2.3 *Relações e destinos: o encontro de Marias na imprensa ditatorial*,

temos a exposição de pontos relevantes sobre vida da autora Ana Maria Machado em consonância com a personagem fictícia Helena Maria de Andrade, de modo a discutir sobre suas nuances pautadas nas abordagens da entrevista “*Os múltiplos caminhos de Ana Maria Machado*”, a Revista *Lítère-se* e o texto literário *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado.

No segundo capítulo, intitulado de “TROPICAL SOL DA LIBERDADE: TERRA DAS MEMÓRIAS E CEMITÉRIO DAS DORES”, temos a apresentação analítica de aspectos descritivos mais profundos sobre as temáticas abordadas no romance, de modo a perceber e evidenciar as memórias e os pormenores da personagem Helena em seus aspectos internos e externos. Assim, o capítulo é composto por dois subitens.

Em 3.1 *Helena Maria de Andrade: A personagem e fragmentos de seu eu*, tratamos sobre a categoria de análise referente à personagem, com aportes teóricos em Cândido (1976) e Brait (1985) sobre as discussões de reprodução da realidade na criação do personagem, com Gancho (1991) sobre questões de categorias de personagem e verossimilhança, além da abordagem sobre os agentes da narrativa com Cardoso (2003). Além dessas, sobre a crítica feminista em relação às pontuações feitas a cerca da personagem Helena, nos respaldamos em Cunha (2012, *apud* Macedo, 2005), Zolin (2013) e Zolin (2013, *apud* Beauvoir, 1980).

Em 3.2 *O desarquivar ditatorial a partir das vivências de Helena: Memórias, pesadelos e estilhaços* discutimos conforme a nossa segunda categoria de análise que é a memória, na exposição primeira da definição de memória segundo o nosso *corpus* de pesquisa o romance *Tropical sol da liberdade*, em paralelo com essa visualização trouxemos a definição de memória do Mini Dicionário Aurélio (2001). A partir de tal base, demos abertura para discussão do nosso romance de análise em questão sob a ótica da memória íntima e afetiva com Bergson (1896; 1999), e a memória coletiva e histórica com Halbwachs (1991; 2006), fazendo menção da crítica feminista e da memória feminina em si.

Nessa perspectiva, no que diz respeito à nossas leituras de fortuna crítica para a efetuação dessa pesquisa, nos aportamos em leituras de trabalhos respectivos à temática abordada em nosso estudo, tendo como fontes o periódico da revista *Estação Literária* em janeiro de 2013, com a temática: O

*Ressentimento dos exilados em Tropical Sol da Liberdade de Ana Maria Machado*: Uma questão sensível, de Andrea Quilian de Vargas (UFSM) e Rosani Umbach (UFSM), que tem como foco a abordagem de compreensão da realidade da ditadura através das cicatrizes deixadas pelo ato do exílio, o sentimento temeroso de largar sua terra para ir a outras desconhecidas.

Lemos ainda a revista de estudos literários *Moara*, n.37, janeiro-junho (2012), com a temática: *Tropical sol da liberdade: narrativa pós-traumática, espaço de dor e esquecimento*, também de Andrea Quilian de Vargas (UFSM) e Rosani Umbach (UFSM), que trata sobre a narrativa como confessional de modo a lembrar e reviver os fatos de dor e sofrimento expressos na obra, trazendo ainda discussões a cerca dos regimes como: o fascismo, o nazismo, o salazarismo, e o franquismo.

Dessa forma, também foram efetuadas leituras em dissertações como: *A Ditadura Brasileira em obras de autoria feminina: testemunho e memória*, por Cecil Jeanine Albert Zinani; que trata sobre duas obras que relatam sobre a ditadura, são elas: *A doce canção de Caetana*, de Nélide Piñon, e *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado. Além de *Na contramão da ordem vigente: A mulher no contexto da Ditadura Militar em Tropical Sol da Liberdade*, de Ana Maria Machado, por Mirele Carolina Werneque Jacomel, que trata sobre a figura da mulher no período de ditadura militar, tendo o enfoque todas as personagens femininas do romance.

Nesse sentido, selecionamos o romance *Tropical sol da liberdade* (1988) que fora “especialmente muito difícil por ter me lançado numa profundidade de dor para a qual eu não estava preparada.” (MACHADO, 2014). Daí a importância, a nosso ver, de uma análise centralizada nessa obra, não apenas pelo peso emocional que ela abarca, mas sim pela fonte inesgotável de leitura e apreensão de uma realidade que nos constitui, sendo este um dos romances políticos mais fortes numa correspondência histórica de passado e presente, que nos faz repensar em nossa história na contemporaneidade, segundo a perspectiva correlacional de duas mulheres: a autora e a personagem, foco de nosso estudo.

Nesse panorama, quanto aos métodos de procedimentos, a nossa pesquisa possui também uma leitura histórica, pois consiste em “[...] investigar os acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade hoje. [...] é importante pesquisar suas raízes, para

compreender sua natureza e função” (ANDRADE, 2009, p. 123). Assim, os nossos métodos de procedimentos partiram do contexto-histórico da ditadura, bem como a leitura sobre a as mulheres nesse período.

Em linhas gerais, a nossa metodologia consiste na leitura analítica da obra visando à seleção de trechos que evidenciem a marcação da memória da personagem Helena e passagens às quais trazem elementos descritivos da personagem, trabalhando a sua construção a partir dessas pontuações. Desse modo, a partir da seleção de trechos para análise que carregam realçadamente o confidencialismo e a revelação sobre o contexto da ditadura de 60/70, fundamentados nos textos teóricos da área, comportamos a nossa pesquisa.

Contudo, articulam-se as discussões trazidas no corpo da pesquisa conduzindo assim, as resultantes decorrentes das leituras teóricas e análise literária nas perspectivas das categorias de análise já pontuadas. Assim, buscamos contribuir satisfatoriamente em torno da busca pela evidenciação da literatura e voz feminina. Desse modo, salientamos que o trabalho com esse romance não se esgota nesta leitura, mas esta é apenas o começo dela. À vista que o “sol da liberdade” necessita e merece adentrar seus raios vitais dentro de outros.

## **2 POR TRÁS DE GRANDES MULHERES HÁ SEMPRE GRANDES MULHERES**

A literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem. (BONALD, 1859)

Nesse capítulo, abordaremos sobre os elementos literatura e sociedade como componentes estruturais no estudo e composição de algumas obras literárias. Para tal, a leitura de Antônio Cândido (1976) será pertinente para

alguns questionamentos em relação ao tema proposto. O romance *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado, se justifica como sendo uma literatura denunciadora do contexto de ditadura militar entre os anos de 60 e 70.

Para tanto, a respeito do social, o texto de Cândido (1976) será pontual sobre duas linhas: a literatura e sociedade, e a literatura e o homem. Assim, o capítulo possui dois subitens: 2.1 *Mulher e História: Desarquivando a trajetória em trajetórias*, na abordagem sobre a trajetória histórica das mulheres no decorrer do tempo, com as autoras Rosa Montero (1995) e Michelle Perrot (2013). Em 2.2 *Mulher e a Ditadura Militar: entre o ser, o estar e o sentir* com as autoras Maria Araújo, Isabel da Silva, e Desirree dos Santos (2013); trazemos discussões e contribuições contextuais a cerca da Ditadura Militar como fato histórico.

A conversa com o texto de Renata Meireles (2011) nos aponta sobre a mulher como sujeito no contexto de ditadura militar, sendo consonante com as implicações de Ingrid Nascimento, Lígia Amâncio, e Zeidi Trindade (2014) sobre a mulher em luta contra o regime ditatorial. Em seguida, no subitem 2.3 *Relações e destinos: o encontro de Marias na imprensa ditatorial* é explanado sobre a vinculação perceptível entre a personagem de nosso objeto de estudo Helena Maria de Andrade e a autora do romance Ana Maria Machado, com os suportes teóricos de MILITZ (1992) *apud* Aristóteles (1971) e dados biográficos da autora com base em entrevistas e informações de biografias prontas.

Nas tendências e óticas de análises literárias, tornam-se perceptíveis a associação da literatura e a sociedade como elementos interdependentes de estudo, ou mais precisamente, a influência do meio social para a composição de algumas obras e textos literários. Sob o mesmo ponto de vista, entendemos que “o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós” (CÂNDIDO, 1976, p. 24).

Nessa perspectiva, a sociedade faz-se congruente ao estudo da literatura por meio das obras literárias à vista de representar realidades, considerando que a “arte é a expressão da sociedade” (CÂNDIDO, 1976, p. 28). E através dessa, é possível exprimir e retratar seus aspectos internos e externos, por meio da apresentação de informações e peculiaridades de um determinado contexto e época. Desse modo, mais do que a representação de realidades, a

literatura muitas vezes atua como a voz de povos e tempos, garantindo seus efeitos aos leitores que se encarnam viventes, como é no caso de nosso romance de estudo *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado.

No tocante à produção das obras literárias, sobretudo as de temáticas sociais, é substancial elencar três fatores para a completude de força nas produções, que são: o autor, obra e público (CÂNDIDO, 1976). Paralelo ao romance de nosso estudo, considerando essas três pontuações relevantes de Cândido para a produção literária, é importante ressaltar sobre a autora Ana Maria Machado como vivente do período ditatorial, no qual resultou na escrita com propriedade da obra *Tropical sol da liberdade*.

Entendemos também o romance como uma narrativa de ficção, ainda que em alguns momentos haja uma leitura da realidade. Além disso, trata-se da representação de vivências e visões simbolizadas por personagens fictícios em nome de uma realidade social e seres viventes da época de ditadura. Desse modo, o público receptor desse texto torna-se conhecedor de uma ficção literária que aparece imbricada a um período histórico: o regime militar.

Assim, é passível de discussão pontuar sobre as duas formas de arte, que também declaram representar os objetivos da literatura através do escritos literários, que por sua vez requerem uma distinção categórica em “[...] arte de agregação e arte de segregação” (CÂNDIDO, 1976, p. 31-32).

Para Cândido, a arte de agregação e a arte de segregação apesar de serem divididas em suas categorias, são ambas predominantes em grande parte das obras literárias em suas devidas dosagens. Nesse pressuposto, a agregação acontece quando o artista/escritor visualiza o seu meio social e a partir disso reúne a sua experiência própria com as demais experiências coletivas, na composição de suas obras que “[...] dependem estritamente do artista e das condições sociais” (p.39), na promoção de um alcance maior e um efeito mais generalizado. Tendo em vista os aspectos apresentados, o nosso romance de estudo trata-se da arte de agregação.

Pensando essa arte em consideração ao nosso *corpus*, o romance *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado; observamos que em algum momento a autora em sua posição social de jornalista e militante contra o regime vigente, cria uma história fictícia com tom de realidade apresentada por uma personagem central equivalente a perfis de mulheres militantes e engajadas na

imprensa. Na qual une a sua angústia, e às demais angústias sentidas pelo povo, no intuito de se autorepresentar e representar toda uma massa.

Já na arte de segregação transcorre a visão social de modo mais limitante, pois o artista/escritor tende a compor suas obras de modo a ser mais autocentrado e individualista, atentando “à posição social que é um aspecto de estrutura da sociedade” (CÂNDIDO, 1976, p. 33).

Cândido apresenta a restrição da visão do artista/escritor na arte de segregação, à vista de que tem como objetivo separar a sociedade na composição da arte/literatura, diferentemente do outro modelo de arte. Assim, nessa arte são consideradas as próprias experiências e verdades do artista/escritor, tomando como segmento de seu trabalho a seleção de poucos representantes sociais, sendo esses, pessoas de renome na sociedade.

Com base na visão desse formato de arte/literatura pelo viés da segregação, entendemos que o romance *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado, não é correspondente a esse formato. Visto que essa se trata de uma arte/literatura movida a predileções e favoritismos, enquanto o romance compreende a sociedade numa perspectiva ampla e coletiva.

Nessa integridade, ainda enviesados pela literatura e a sociedade, entendemos a literatura como um fruto de fatos em combinação. Combinação essa entre as obras, as ações e o homem, partindo do intimismo para a socialização. De modo que se compreende a obra como uma resultante particular e singular, ao passo que nasce de uma revelação, uma visão, um pensamento, um intuito. Esses são aspectos que se organizam automaticamente e moldam a “expressão”. A literatura é social, pois necessita de meios de expressão para a troca entre o escritor, a obra e o leitor. (CÂNDIDO, 1976)

Cândido define precisamente a associação da literatura e a sociedade, como um pacto entre a intimidade e a coletividade, que resulta nas criações e produções literárias. Assim, é entendível que o íntimo do artista/escritor é uma identidade peculiar que ganha vida, gerando ideias e pensamentos singulares, incorporando em seus escritos como forma de expressão.

Por conseguinte, percebemos que a literatura é de fato um produto da coletividade/do social, nascida da experiência de pessoas, lugares e tempos, ainda que o intrínseco do escritor literário venha em primeira instância. Nessa

perspectiva, a leitura seguinte é uma tentativa de vislumbrar esta relação íntima da literatura e a sociedade.

Assim, em seguida trataremos sobre a historiografia das mulheres numa perspectiva de trajetórias particulares engendradas numa trajetória geral que corresponde ao desarquivamento histórico feminino. Nesse objetivo, pensamos ser de necessidade a nossa pesquisa tratar sobre tal pontuação, de modo a discutir sobre essas mulheres que lutaram e lutam pelo seu espaço e representação. Nessa conformidade, acreditamos que cada mulher traçada no capítulo conseguinte lançara a sua revolução a partir de sua era, época e contexto social. E que essas mulheres, numa visualização de estudo, representam tantas outras simbolicamente, que tratar sobre elas é gritar mais uma vez entre tantas na História.

## 2.1 MULHER E HISTÓRIA: DESARQUIVANDO A TRAJETÓRIA EM TRAJETÓRIAS

Nada de revolução sem a emancipação da mulher,  
nada de emancipação da mulher sem a revolução.  
(BEAUVOIR, 1949)

Com base nas discussões pautadas por Montero (1995), em se tratando mais precisamente da sociedade numa perspectiva histórica, com a vinda da corrente positivista e a morte de inúmeros deuses/intelectos no mundo ocidental, o ser humano deu início a questionamentos acerca das severas distinções entre os sexos feminino e masculino, sendo essas de tal forma a sobrepor hierarquias e delimitar funções. Assim, em busca de tantos porquês, eis que com essa surgiu a inquietação sobre a condição da mulher.

Nesse contexto, nas primeiras civilizações, a mulher era vista e tida como um ser invisível, ou “melhor”, a sua visibilidade/exististência era restrita ao papel de cuidar dos afazeres do lar, da terra, procriar e tão somente ser submissa ao homem. Assim, “O direito doméstico assegura o triunfo da razão; ele enraíza e disciplina a mulher [...]” (PERROT, 2013, p. 135). Desse modo, a mulher é tida como um “sujeito-oferenda”.

A propósito das afirmações dadas por Perrot, entendemos sobre o papel tradicional da mulher e a extrema ligação desses com o doméstico. Percebemos

que a cultura da domesticidade implantada pelos homens e pelas mulheres primeiras, não apenas moldara o perfil da mulher, como também apontava o seus limites, disciplinando-a e fazendo-a sempre lembrar de seu lugar limitado às quatro paredes de seu lar.

Vemos claramente essa perspectiva primitivista em relação à mulher em Machado (1988) quando o narrador comunica sobre a personagem Helena e sua mãe Amália:

[...] E as duas mulheres foram para a cozinha, como tantas outras fêmeas humanas pelos séculos afora. Desta vez não iam refogar coisas não ditas, nem temperar com emoções guardadas o alimento da cria ou do guerreiro. Mas os silêncios escolhidos, catados das impurezas como grãos de feijão, as acompanhavam, na melhor tradição feminina, para serem armazenados, sempre à mão, na farta despensa ou cuidadosamente congelados para uso futuro. (MACHADO, 1988, p. 21)

Com base na citação, vemos primeiramente a expressão “[...] foram para a cozinha, como tantas outras fêmeas humanas pelos séculos afora” (MACHADO, 1988, p. 21). Essa afirmação mostrada indica justamente a tradição e a associação do ser feminino com as tarefas domésticas, sendo essas relações enraizadas e fincadas na história por muitos tempos.

No mesmo sentido, mais a frente essa verdade toma a sua grande proporção com as exemplificações demonstradas com o uso dos verbos “refogar”, “temperar”, e os termos “guardadas”, “catados”, “armazenados” e “congelados”. Com base nesses vocábulos, percebemos que a autora por meio do narrador, critica e traz à tona sobre a rotulagem da mulher em relação aos afazeres domésticos, de modo que até seus sentimentos são descritos com palavras que fazem referência à cozinha.

Essas condições repressivas e opressivas acompanharam historicamente o desenvolvimento do ser humano em seu abandono ao nomadismo, para a ocupação de territórios agrícolas, incidindo em um novo modo de vida que ainda era escrito pelas mãos e vozes dos homens, que por sua vez, tinham como depoimento que:

[...] o homem, [...] precisava assegurar-se filhos próprios, aos quais pudesse transferir suas posses, e por isso controlava a mulher. Ocorre-me que talvez o dom procriador das fêmeas assustasse demais os

varões, sobretudo quando os grupos se tornaram camponeses. (MONTERO, 1995, p. 10)

Com base nesse cenário, é perceptível um sistema social bastante comum nas primeiras sociedades, que era o patriarcado. Neste, o homem, em sua organização familiar representava o poder no lar, repassando esse poder para o próximo homem descendente (no caso, os filhos homens). Dando, assim prosseguimento e perpetuação a uma genealogia masculina. Desse modo, o homem mantinha controle sobre a mulher, e essa não seria herdeira de suas posses, não havendo riscos de que o poder chegasse até as mãos femininas.

Além do forte receio de que o poder no sistema de organização familiar chegasse até a mulher, outro era o grande fator de amedrontamento do homem que seria o dom de procriar, o qual corresponde à fêmea conceber filhos. Esse dom da fertilidade, não apenas demonstrava uma característica singular da mulher, mas sim um poder e a comprovação de uma maior força física que somada ao bom desempenho nas atividades camponesas faziam da mulher um ser capaz tanto quanto o homem.

Nessa perspectiva, Machado (1988), por meio da voz da personagem Helena nos diz “[...] Leite e tempo. Trabalho e tempo. Três coisas bem femininas, pensou ela. Vida de mulher era bem assim, trabalhar e esperar. E enquanto isso, ir parindo, amamentando, alimentando” (MACHADO, 1988, p. 119). A citação nos mostra que a mulher está ligada inteiramente ao leite, que representa o papel de amamentar os filhos, o tempo, que consiste na espera dos nove meses para dar a luz e o trabalho que diz respeito à responsabilidade com os afazeres domésticos e os comandos em tarefas no lar. No trecho “[...] E enquanto isso, ir parindo, amamentando, alimentando” (MACHADO, 1988, p. 119), vemos que é como se fosse um ciclo vicioso ser mulher, tendo por natureza a obrigação de conceber filhos, amamentar e trabalhar no lar, tendo por infimas vezes que seguir esse ritmo.

A partir dessa contextualização e fazendo menção à mulher, a partir de nossa personagem Helena, visualizamos um sistema de organização familiar convergente, que é o matriarcado. Sendo este influenciado pela mãe da personagem: Amália, que após a voz da protagonista se encontra como a segunda voz de maior força no romance.

De certo, no discorrer da fabulação, Amália apresenta-se como a detentora da voz e do poder não somente no lar, mas também em seus posicionamentos perante as descrições das ações que rodeiam seu marido e filhos. Com isso, Helena vê-se espelhada na mãe (a qual têm maior convivência na oportunidade do enredo) na busca de ser autora de sua própria vida, porém algumas questões sentimentais e emocionais lhe dividem e levam ao patriarcado como a perda do marido, unindo essa à esperança de ser feliz e exercer sua maternidade.

Considerando o histórico feminino pouco enfático no papel em si da mulher, o que ordenara como ser secundário, nossas inquietações nos levam a seguinte indagação: “[...] será que as mulheres têm uma história?” (PERROT, 2016, p. 16). Para tal, vejamos agora sobre as duas primeiras mulheres criadas no mundo, segundo os dois contos sagrados históricos e universais, numa perspectiva criacionista bíblica e numa perspectiva mítica grega.

Segundo o conto criacionista bíblico, relatado no livro de Gênesis, o homem foi o primeiro a existir a partir da criação do deus das primeiras épocas, homem esse chamado Adão. Em seguida, vendo que o homem não convinha ficar sozinho, de sua costela foi criada a mulher, e ambos viviam em um lugar chamado de Paraíso do Éden. Nesse lugar, “[...] Eva arruína Adão e toda a humanidade por deixar-se tentar pela serpente, comendo o fruto proibido” (MONTERO, 1995, p. 11). Assim, em paráfrase de Montero sobre a Bíblia Sagrada a bíblia se ordena:

Que a mulher conserve o silêncio, porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. (1TIMÓTEO, cap. 2, p. 13-14)

Segundo o versículo da bíblia, percebemos que a ordem bíblica revela um sentimento e posicionamento patriarcal, de modo que a mulher não pode tentar se expressar já que cometeu o primeiro pecado, visto como sem redenção (silêncio eterno). Nessa citação, ainda vemos a lembrança de que o homem foi criado primeiramente e a partir dele que veio a mulher, realçando que Eva foi a “seduzida” aplicando uma espécie de violação e mancha jamais esquecida.

Já no conto mítico grego, o deus Zeus (pai dos deuses e dos homens) cria a primeira mulher chamada Pandora (“a que possui todos os dons”, ou “a

que é o dom de todos os deuses"), e essa criação é justificada para o castigo dos homens, a partir do momento em que Prometeu roubou o fogo, o qual só os deuses tinham o alcance e entregou para a posse dos homens.

Pandora trazia consigo uma jarra que conduzia todas as desgraças da humanidade, também conhecida como a "caixa de pandora", presente dado por seu pai Zeus. Certa vez, tomada pela curiosidade de saber o que havia dentro da jarra/caixa Pandora tenta abrir, e nessa feita acaba escapando os males como a velhice, o ódio, a guerra etc.

Nesses grandes mitos considerados sagrados, enxergamos uma grande aproximação, na qual as mulheres "fazedoras de humanidade" (MONTERO, 1995, p.11) cometem erros irremediáveis causados por seus instintos e curiosidades femininas. E esses, resultaram numa espécie de poder para uma condenação generalizada de toda a humanidade, atribuindo à mulher a figura de um ser curioso, indulgente e transgressor. Nesse ínterim, a mulher e a história foram dois elementos difíceis de se juntar no decorrer do tempo, pois se designavam unidades perigosas, se juntas.

Eventualmente, o modo como se discutia sobre a mulher era reduzido a modelos desenhados por estereótipos. Com isso, existiam poucas informações propiciadas e datadas por fontes históricas em holofotes, o que alimentou mais ainda o ocultismo da figura feminina. Na encarnação do velho adágio popular brasileiro, "Quem não é visto, não é lembrado." Assim, com base nessa inquietação, consideramos por relevante discutir e refletir em no decorrer desse subitem aspectos históricos sobre as trajetórias de grandes mulheres que foram além de seus papéis e contextos, e que moldaram a trajetória das mulheres de forma geral, atribuindo-lhes cores e formas na História.

De acordo com os relatos históricos, "[...] foi com a Revolução Francesa e seus ideais de justiça e fraternidade que alguns homens e mulheres começaram a compreender que a igualdade ou era para todos os indivíduos, ou não era para ninguém [...]" (MONTERO, 1995, p. 13).

Com o advento da Revolução Francesa, os ideais tornaram-se sombras de proteção para ambos os sexos, sem toda e qualquer acepção. A partir desse acontecimento histórico, foi exigida a igualdade como forma de uma união geral, quebrando as correntes das hierarquias e travando os primeiros embates de ganho sobre as lutas sociais de força. Desse modo, tais informações nos levam

aos seguintes indícios históricos: a França seria o berço da humanidade e da igualdade dos gêneros.

Mas foi em meados do século XIX, com a Revolução Industrial e a sua efervescência a vapor das máquinas, que foi percebida a ausência de uma visão mais compacta sobre a mulher, tornando-se agora um problema da sociedade. Em vista que a Revolução trouxe um novo estilo de vida que abarcou homens e mulheres, muitas mudanças positivas ocorreram, as quais a principal foi a troca dos trabalhos manuais para com máquinas. Dessa forma, apesar de uma grande massa de mulheres terem participação nas fábricas de fiações e tecelagens, eis que pensando na mulher como um ser rotulado de 'operária', agora essa mais uma vez “[...] ficou sem lugar próprio no mundo” (MONTERO, 1995, p.15).

No discorrer de toda essa trajetória que diz respeito à composição historiográfica da mulher, percebemos as grandes e constantes alterações severas em volta desse ser. Mas, se pararmos para pensar como se configura essa história nos dias de hoje, saberíamos descrever? Teríamos o que descrever? Assim, podemos afirmar que “[...] É um balanço impossível, que oscila ao sabor dos dias e dos acontecimentos, entre o otimismo da conquista (“Ganhamos”) e o ceticismo do sentimento da ilusão” (PERROT, 2016, p. 168).

Porquanto, entendemos que quando se pensa em uma história das mulheres automaticamente percebemos os embaraços e a não linearidade de conquistas nos fatos históricos, presas a essa, à sombra dos homens pairando sobre seus seres.

Assim sendo, apesar da grande evolução causada pela revolução dessas GRANDES MULHERES (as primogênicas, as procriadoras, as donas dos lares, as caçadoras, as camponesas, as operárias e todas as demais encarnadas nestas), muitos questionamentos ainda rondam sob as nossas reflexões que impulsionam o erguer de nossa bandeira, como a posição social, a escolha de profissões, os salários, a quebra de tabus sobre sexualidade etc.

Portanto, ainda que por trás de grandes mulheres existam GRANDES MULHERES, sendo essas lutadoras pelo seu espaço e poder igualitário na tentativa de representar uma massa nos mais variados setores e épocas históricas, muito ainda há de se perceber e estudar sobre a história dessas mulheres.

Visto que, com afinco a feminista Simone de Beauvoir afirma que “Toda história das mulheres foi feita pelos homens” (PERROT, 2013, p. 162). Assim, é chegado o tempo de com mais ousadia arregaçar as mangas e não apenas escrever a história de nossa própria autoria, mas também fazer da nossa minoria a grandeza que gere a liberdade e a expressão própria da mulher.

## 2.2 MULHER E A DITADURA MILITAR: ENTRE O SER, O ESTAR E O SENTIR

Entre as décadas de 60 e 70, no Brasil, homens e mulheres viviam uma das épocas mais cruéis de suas histórias, a chamada ditadura militar ou regime militar. Esse período tão descrito nos livros de História e seguidamente confidenciado em força nas literaturas de denúncia social tornou-se um marco forte não só para o país, mas em cada ser vivente da época, na qual *ser* significava uma identidade definida pela censura, o *estar* uma incerteza, e o *sentir* uma escapatória alcançável, porém não suficiente.

Nesse bojo, tendo em vista a repressão vigente ser partida de homens (militares), com caracteres e ideais em maioria machistas, as mulheres igualmente aos negros e aos índios, também foram as mais vitimadas com diligência nesse período; porém foram afincas nas diversas formas de militância contra o regime. Assim, nessa conjectura, “A participação feminina nas organizações de militância política pode ser tomada como um indicador das rupturas iniciais que estavam ocorrendo nos papéis tradicionais de gênero” (NASCIMENTO, TRINDADE e AMÂNCIO; 2014, p. 24).

Com a militância das mulheres em relação ao governo dos militares, elas passaram a ser vistas como sujeitos ousados, alargando além de seu espaço delimitado somente ao lar e aos comprometimentos domésticos. Assim, ainda que com dificuldade, as mulheres em luta a favor de seu espaço reafirmaram a sua posição enquanto sujeitos sociais no embate ao seu papel minoritário baseado no machismo patriarcal de reclusão e sujeição.

Vale ressaltar ainda sobre as mulheres nesses novos espaços, textos literários que abordam sobre essa questão como em *História de ninar para garotas de rebeldes – 100 fábulas sobre mulheres extraordinárias* (2017), de

Elena Favilli e Francesca Cavallo, que retrata através de fábulas sobre histórias de mulheres nos mais variados espaços de atuação, como estilista, aviadora, surfista, política etc. Podemos citar ainda *A Guerra não Tem Rosto de Mulher* (1985), de Svetlana Aleksievitch, que mostra a atuação das mulheres na Segunda Guerra Mundial como tanquistas, comandantes, artilheiras e demais atribuições na batalha.

Numa perspectiva histórica, a ditadura ou regime militar se deu no momento em que o mundo estava voltando seus olhos e tapando os seus ouvidos para outro período histórico de grande relevância, a Guerra Fria, que se encontrava em seu ponto culminante. Nesse mesmo contexto, o Brasil estava sendo governado por João Goulart que era vice-presidente, e assumiu o posto após a renúncia do até então presidente Jânio Quadros. Essa situação se configurava como um paradoxo, visto que Jânio e Jango faziam parte de partidos opositores, o que era permitido de acordo com as leis vigentes da época (ARAÚJO, SILVA e SANTOS; 2013).

Com essas repentinas transformações, culminaram-se vários acontecimentos, como a tentativa do governo em implantar uma reforma agrária e a contestação por parte dos militares em relação a essa e a outras demais medidas, segundo eles, radicais. Assim, com o apoio aos militares de vários setores civis de posições sociais elevadas, “O governo caiu sem grandes resistências” (ARAÚJO, SILVA e SANTOS; p. 16, 2013, p. 16), sucedendo em 1964 o início da ditadura mais sangrenta e hematômica da história do país.

Posteriormente:

Com os militares instalados no poder, começava a temporada de punições e violência praticadas pelo Estado. A montagem de uma estrutura de vigilância e repressão, para recolher informações e afastar do território nacional os considerados “subversivos” dentro da ótica do regime [...]. (ARAÚJO, SILVA e SANTOS; 2013, p. 17)

Diante desse cenário, podemos compreender que a chegada do militares ao poder e as suas atuações aparentavam em uma espécie de “vingança” ao governo anterior ou até mesmo de abuso do poder. Esses se justificavam pela frequência de punições e violências físicas e psicológicas destinadas às pessoas que ousassem discordar ou desobedecer às suas regras, sendo alvo efetivo principalmente as mulheres.

Acredita-se que essas considerações são suficientes para retratar a situação da problemática da tortura às mulheres, de modo que para a ilustração dessa vejamos o breve depoimento dado por Ana Bursztyn ao projeto “Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil”:

Colocavam um jacaré no meu colo [...] Um jacaré! Não muito grande. Disseram eles depois que era desdentado. [...] Eles minimizam. Eles colocavam o jacaré em cima e pra cada um tinha um nome! O meu era Marighella. Era um jacarezinho que colocavam no teu corpo. Aí vou dizer: ‘Não é porrada o tempo todo, mas é tortura! É humilhação, é sacanagem, é humilhar o outro na sua frente, é não te deixar dormir, é tortura! É terror!’ (ARAÚJO, SILVA e SANTOS; 2013, p. 25)

Em face do exposto, é certo considerar que os torturadores não apenas buscavam gerar hematomas físicos e externos, mas também traumas psicológicos. Vemos no depoimento da mulher que o uso do jacaré em seu corpo no ato de tortura é proposital, visto que esse é um dos animais a que mais se atribui medo e terror, o que implica na confirmação dada por ela em seguida “[...] Não é porrada o tempo todo, mas é tortura!” (ARAÚJO, SILVA e SANTOS; 2013, p. 25), no sentido de desestabelecer o psicológico.

Por conseguinte, vemos o uso e reforço da palavra “humilhação” e “humilhar”, sendo essas representações do próprio ato de sempre abater, oprimir e a constante feita desses com o povo. Assim, encaramos esse relato como uma prova viva desse abuso (no que se refere às mulheres), e da assídua lembrança de quem estava acima, prontos para rebaixar e ferir os direitos, as vidas, os corpos, as almas, as memórias.

Diante de tais colocações, numa perspectiva de percepção das mulheres nesse contexto, avistamos que eram submetidas a violências brutais externas e, principalmente, internas, que iam muito além do reconhecimento de que essas eram uma minoria, mas sim oportunidades de soberania do gênero calcadas pelo machismo.

Nesse sentido, além da repressão e opressão acometida diante da imagem dos militares no governo, a liberdade de expressão foi um dos direitos mais feridos no povo, sendo considerados “subversivos” aqueles sujeitos que resistiam e lutavam contra a vigência. Inclusive, o termo subversão era usado principalmente no que se referiam às mulheres, de modo que essas se

caracterizavam pela audácia de saírem de suas casas e lutarem através de manifestações contra o poder governamental.

Em *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado, a personagem Helena relata sobre uma comissão criada que tinha como intuito levar os protestos acontecidos na cidade do Rio de Janeiro até o governo, em Brasília. Essa comissão é descrita tendo como componentes “[...] um professor de Filosofia, um psicanalista, um padre, dois líderes estudantis e uma mãe” (MACHADO, 1988, p.97).

Com essa citação, percebemos, e consideramos relevante, que cada membro componente da comissão implicava uma voz de força enquanto combatente ao regime dentro daquela sociedade, voz essa que somada às demais vozes representariam e ecoariam o grito de um povo pedinte de mudança. Reconhecemos que a maioria dos componentes envolvidos na comissão é do sexo masculino, porém é de extrema importância destacar a presença de uma mãe na comissão.

Essa presença não indica a busca pela “igualdade” dos gêneros, numa feita de demasiada importância histórica e social, ainda que essa se apresente desproporcional, mas sim a participação de um ser feminino em uma organização como representação de uma massa. Compreendemos que o termo “mãe” carrega uma simbologia que automaticamente remete ao lar, aos cuidados, a proteção; e esses são atributos que, ainda que limitadores, geram um pensamento de confiança e força, sendo esta capaz de representar e lutar por essa causa.

Helena ainda enfatiza sobre a discussão acerca da mulher brasileira numa perspectiva história e social no período de ditadura militar:

Se algum dia [...], se escrevesse a história da mulher brasileira na periferia dos fatos, sua trajetória para a consciência política, esse relato tinha que passar pelo movimento estudantil de 1968. E, nele, pela passeata dos Cem Mil, onde a multidão elegeu uma mãe que a representasse, numa ante visão das inúmeras mães que iam fazer sua via-crúcis pelos porões do regime nos anos seguintes à cata de notícias dos filhos [...]. (MACHADO, 1988, p. 97)

Notamos ainda que a personagem cita dois acontecimentos históricos importantes contra o regime militar, e que são fatos relevantes para o estudo da

mulher nesse período, que foram: o movimento estudantil de 1968<sup>5</sup> e a passeata dos Cem Mil<sup>6</sup>. Com base nessa historiografia, vemos a menção de dois perfis de mulheres-mães na ditadura: a militante e a resignada.

A mulher militante, segundo os pesquisadores Nascimento, Trindade e Amâncio (2014), correspondia à mulher que baseada em seu convívio familiar e suas relações pessoais tinham a religiosidade e a ideologia do amor como fatores de influência para o ideal de justiça e igualdade social. Ou seja, a mulher militante considerava os valores éticos e morais juntamente com o seu papel dentro do lar, da sociedade, sendo essas motivações inquietantes para a saída do conformismo e suficientes para a luta na busca pela integridade geral.

A mulher resignada, diferentemente da militante, baseava-se apenas na religiosidade e no conformismo, fazendo menção à via-crúcis de Cristo, ou seja, caminhada de sofrimento e dor diante dos fatos que aconteciam, e como esses se voltavam para a sua família e seu lar. Com essas pontuações, percebemos as construções do ser mulher no contexto de ditadura.

Cabe mencionar, em se tratando de via-crúcis, o texto *A via crúcis do corpo* (1974), de Clarice Lispector, que trata de mulher distante de seus desejos e regozijos, tendo o seu corpo/alma marcados por experiências as quais a trazem dor e sofrimento.

Tendo em vista as considerações sobre esses dois perfis de mulheres, constatamos que “[...] tomar parte na luta contra a ditadura pressupunha não apenas o risco de estarem sujeitas à violência do aparelho repressor” (MEIRELES, 2011, p. 3). Outra grande questão era a afirmação enquanto identidade feminina, de modo que a mulher teria de escolher um desses dois formatos de ser e encarar a realidade social na qual estava inserida.

Com base nesses dois perfis mediante ao contexto de ditadura, a personagem Helena, em *Tropical sol da liberdade*, mostra-se ter sido uma mulher militante e bem posicionada enquanto ao que sentia sobre os ditadores e a própria situação de ditadura. Assim, sentia-se com “[...] uma vergonha

---

<sup>5</sup> Foi um movimento liderado por estudantes no período de ditadura militar, que em 1968 estava em seu ápice, impulsionando à passeata dos Cem Mil.

<sup>6</sup> Foi uma passeata na qual havia cerca de cem mil pessoas na rua, entre elas: estudantes, trabalhadores, artistas, políticos demais combatentes contra o regime. Ocorreu no dia 26 de Junho, na cidade do Rio de Janeiro, e serviu como exemplo para manifestações do mesmo tipo em todas as partes do Brasil.

imensa de fazer parte de uma nação em que coisas desse tipo aconteceram e nunca foram punidas [...]” (MACHADO, 1988, p. 103).

Entendemos, a partir da citação, que a personagem se mostra indignada com a ditadura, e o quanto isso a envergonha enquanto habitante do Brasil. É perceptível o tom de revolta e sentimento de impunidade aos ditadores do país, e com isso é representada a dor do povo o qual sofria com o poder da vigência.

Cabe ainda mencionar sobre a Anistia do país, que se caracterizava pelo pedido de apuração sobre os crimes e torturas no regime militar, uma espécie de “revelação e punição” que se apresentava como um “perdão geral”. Esse movimento teve como grande percursor de luta o comitê feminino, que buscava “[...] uma campanha pública, de rua e ofensiva” (ARAÚJO, SILVA e SANTOS; 2013; p.31).

Regina von der Weid afirma: “Nós fizemos muita panfletagem e os panfletos eram curtinhos, perguntas e respostas: ‘Você sabe o que é anistia?’, duas linhas de resposta [...] bem didático. Não ficava um no chão” (ARAÚJO, SILVA e SANTOS; p. 34).

Com base nesse relato, percebemos o trabalho das mulheres em relação a fazer com que todas ou grande parte das pessoas conhecessem o que era a Anistia, de modo a informar e conscientizar o povo. Dessa maneira, compreendemos que as mulheres, nessa contextualização, possuíam o domínio oral e comunicacional à frente do movimento, além de conseguirem resultados evidentes quando se evidencia que “[...] não ficava nenhum no chão.”

No entanto, as postulações disponibilizadas nessa seção permitem assegurar que a mulher numa perspectiva de *ser* e *estar* implicava a escolha de com base em seus preceitos pessoais e familiares guerrilhar em busca do ideal justiceiro e sensato na sociedade engajando-se em movimentos sociais, ou resguardar-se e conformar-se com a realidade que se assentava. Ou seja, “[...] dependiam do “desaparecimento” do mundo legal e da construção de uma nova identidade” (MEIRELES, 2011, p. 112).

No que compete ao *estar*, a mulher estava em meio a um contexto no qual os ditadores encaravam o povo, de um modo geral, como seres inferiores. E isso acentuava-se ainda mais no que diz respeito ao ato de oprimir e torturar as mulheres, pois eram movidos pelo preconceito sexista masculino, sentindo-

se além de detentores da autoridade governante, movidos pelos princípios dos primórdios patriarcais.

Em relação ao *sentir*, pensamos não somente ser direcionado aos sentimentos próprios do corpo, mas também os da alma. Sendo que o ser e o estar determinavam o sentir da mulher no contexto de ditadura. O seu modo de perceber aquela realidade juntamente com seu posicionamento social, designavam o seu papel e escreveriam a sua trajetória em nome de um gênero e de um povo.

## 2.2 RELAÇÕES E DESTINOS: O ENCONTRO DE MARIAS NA IMPRENSA DITATORIAL

[...] Mas é preciso ter força  
 É preciso ter raça  
 É preciso ter gana sempre  
 Quem traz no corpo uma marca  
 Maria, Maria  
 Mistura a dor e a alegria. (NASCIMENTO, 1978)

A construção desse subitem partiu das leituras equiparadas de informações biográficas da autora Ana Maria Machado, e de sua personagem Maria Helena de Andrade no romance *Tropical sol da liberdade*. Com base nessas leituras e nas reflexões atribuídas acerca de ambas (autora e personagem) no que diz respeito à comparações sobre a imprensa ditatorial, constatamos uma série de semelhanças entre as duas nesse quesito. Apesar de que não é de nosso interesse comparar ficção e realidade, mas que em algum momento se imbricam e nos fazem refletir sobre os textos literários e as nuances destes em nosso meio. Assim, buscaremos discutir sobre o encontro das Marias no decorrer dessa seção.

A primeira constatação que enxergamos no ato de pesquisa sobre as nuances de Ana Maria Machado e Helena Maria, diz respeito à semelhança de seus nomes centrais “Maria”. Nessa mesma linha de considerações, Ana Maria Machado <sup>7</sup>em uma entrevista intitulada de “Os múltiplos caminhos de Ana Maria Machado” ao Jornal do Brasil, declara sobre como o jornalismo chegou até ela:

---

<sup>7</sup> Acesso em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/05/01/os-multiplos-caminhos-de-ana-maria-machado/>

Exilada na Europa, trabalhei na BBC de Londres, como jornalista. Ao voltar para o Brasil, em 1972, fui exonerada do serviço público na universidade, o que me fez seguir na área de jornalismo por oito anos, iniciando nas editorias de educação e cultura do Jornal do Brasil.

Constatamos através da fala da autora, que o exílio fez parte de sua vida no período ditatorial, e que foi através desse que surgiu a “oportunidade” dela trabalhar numa das grandes referências do jornalismo mundial, a BBC (British Broadcasting Corporation - radiodifusão britânica<sup>8</sup> em Londres. Chegando ao Brasil, a autora diz que continuou sua carreira de jornalista e trabalhou em um dos jornais mais tradicionais do país, publicados na cidade do Rio de Janeiro, o Jornal do Brasil.

Marcando mais um encontro das Marias, podemos conferir a semelhança de profissão das duas, vista essa em uma conversa da personagem com seu amigo Honório, de modo que ela afirma: “[...] Minha profissão é ser jornalista [...]” (MACHADO, 1988, p. 32).

Outras evidências desse encontro se mostram quando a personagem está revendo as cartas que mandara para sua mãe na época em que fez uma viagem e que ela guardara, eis que o narrador apresenta uma série de confissões: “[...] Afinal, Lena é quem escrevera enquanto estava no exílio. [...] estava sem data, mas ela sabia que já era dos anos 70, por volta de 75 ou 76, quando ela tinha voltado do exílio [...]” (MACHADO, 1988, p. 138).

Numa perspectiva correspondente das informações, vemos mais algumas semelhanças entre a autora e a personagem no que compete ao cerne jornalístico. Sendo essas as afirmações de ambas sobre seus exílios, e a aproximação das datas de chegada ao Brasil, à vista que Ana Maria Machado afirma ter voltado em “1972”, e a personagem por volta de “75 ou 76”.

Pensamos criticamente em relação a isso, que, de acordo com o contexto de ditadura e toda a censura que cercava as pessoas (no jornalismo, na literatura etc), algumas informações não poderiam ser tão realçadas e evidenciadas. Assim, acreditamos que a data não é a mesma em virtude desses fatores, porém o ano se constitui o mesmo.

Prosseguindo na entrevista, a autora revela: “[...] A ditadura foi algo que mexeu comigo. Fui presa, [...] por não conseguir ver injustiças calada [...]”

---

<sup>8</sup> Acesso em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/siglas-abreviaturas/BBC>

(MACHADO, 2009). Em consonância, a voz do narrador dirige-se sobre Helena reconhecendo-a sobre a ditadura que: “[...] não podia pensar nisso sem sentir um aperto no peito, um nó na garganta, uma raiva impotente, uma dor inenarrável” (MACHADO, 1998, p. 103).

Entendemos, por parte das Marias, a indignação com a realidade da ditadura. Esse sentir é apresentado de um modo muito particular das duas, com base em preceitos e valores próprios que visam a busca pela justiça, e o ideal de não se conformar com tudo aquilo que estava sendo posto em vista. Assim, o refúgio estava no jornalismo ainda que a todo tempo censurado.

Nessa ótica, em conformidade com as palavras da autora no sentido de “não conseguir ver injustiças calada”, a personagem partilha do mesmo pensamento, quando no romance se encontra exposto que:

Doía nela mesma cada vez que percebia a imprensa negando informação ao público, seja lá por que motivo – violência externa, incompetência ou insensibilidade profissional, interesses particulares. Tinha sido muito difícil conviver durante tantos anos com as notas de proibição da censura policial que vinha, quase todo dia, cortar a palavra e o sentido da própria razão de ser jornalista. Lena lembrava desses anos, com um aperto no peito. O telefone tocava e lá vinha uma voz anônima vagamente identificada como agente Fulano ou Beltrano, sem qualquer possibilidade de que se apurasse quem era, ditava que “de ordem superior, fica terminantemente proibido aos veículos de comunicação social qualquer noticiário, referência, entrevista ou comentário sobre o assunto x”. (MACHADO, 1988, p. 159)

Apreendemos, através do trecho, que, assim como a autora não se conformara com o modo como a imprensa “maquiava” informações, Helena também partira do mesmo pressuposto. Ao perceber que as notícias não eram passadas ao público como elas de fato eram, causou repugnância e aversão por parte da personagem que não concordava com esse tipo de profissionalismo.

Na fala de Helena, é ainda abordado sobre a dificuldade de ser jornalista no período da ditadura, visto que “cortava-se a palavra”, ou seja, a censura limitava as informações e revisava os textos na perspectiva de perceber o melhor uso das palavras, as quais não denegrissem ou denunciasses de alguma forma o governo. Os termos “cortava-se [...] o sentido da própria razão de ser jornalista”, dizem respeito ao papel do profissional jornalista que, é acima de

tudo, o compromisso com a verdade e expressão, verdade e expressão essas que estavam sendo escondidas-limitadas ainda que sabidas pelo povo.

Nessa linha, as Marias aparecem claramente em reflexão, ainda que se apresente no corpo da personagem Helena:

[...] percebia que precisava ir mais fundo em algumas reflexões sobre seu ofício. Descobria uma condenação impiedosa: a censura também é uma das matérias-primas do escritor. Uma maldição: censura-te ou isola-te. (MACHADO, 1988, p. 171)

É interessante ressaltar sobre essa reflexão necessária a personagem Helena em relação ao seu ofício de ser jornalista, visto que deveria saber lidar com a censura a todo tempo em seu trabalho. E que, com essa “condenação impiedosa”, por mais que privasse o jornalista/escritor de se expressar, poderia ser visto também como motivação a militar contra o regime ainda que dentro dessas impossibilidades, haja vista que a censura cessava a verdade ou isolava pessoas de seu país natal.

Em seguida, Helena ainda enfatiza sobre a não abordagem de alguns assuntos pela imprensa, de modo que o jornal recebia ligações de agentes que se encarregavam de barrar a publicação de certas notícias, no qual inferiam a seguinte mensagem: “[...] de ordem superior, fica terminantemente proibido aos veículos de comunicação social qualquer noticiário, referência, entrevista ou comentário sobre o assunto x” (MACHADO, 1988, p. 159). Segundo o site da Academia Brasileira de Letras<sup>9</sup> – ABL, na nota biográfica sobre Ana Maria Machado, afirma-se que ela: “Durante sete anos, chefiou o jornalismo do Sistema Jornal do Brasil de Rádio.” De acordo com essa impositação ligada às demais anteriores, percebemos que a autora teve uma vasta experiência no que compete aos meios de comunicação no período ditatorial. Isso permitia dizer com propriedade através de sua personagem Helena que “[...] Para quem trabalhava em rádio ou televisão as coisas eram muito piores” (MACHADO, 1988, p. 160).

Nessa contextualização, na constante reafirmação de hostilidade e malquerença com a situação da imprensa na ditadura brasileira, apresentada no romance, reconhecemos nuances vivas de Ana Maria Machado que encarna a

---

<sup>9</sup> Acesso em: <http://www.academia.org.br/academicos/ana-maria-machado/biografia>

identidade viva em Helena, e sobre isso o narrador nos atenta sobre a personagem que:

Guardava cópias de todas as notas de censura recebidas durante o tempo em que trabalhou no jornal. E também cópia de vários dos inúmeros bilhetinhos que o Barros manda para a redação, diariamente, a partir da leitura atenta do jornal do dia. Uma série de críticas, broncas, observações e proibições que traçavam o perfil dessa censura informal com grande clareza, principalmente quando se recorda que esses bilhetinhos representavam só a ponta visível do iceberg, já que a grande maioria dos vetos vinha mesmo na véspera, antes que o texto fosse aprovado, em emocionais rompantes de viva voz, jamais registrados para a história. (MACHADO, 1988, p. 161)

Reconhecemos na citação memórias de Ana Maria Machado no que compete ao trabalho com a imprensa, modulando-se tal qual a Helena Maria como militante por meio do sistema jornalístico.

Helena em sua fala aborda também sobre a repressão sofrida juntamente com seus colegas de trabalho pelo seu chefe, o Barros. O chefe do jornal em sua posição lia o jornal na íntegra antes mesmo que fosse publicado, e quando as notícias e informações não estavam de acordo com o pedido pela censura, o chefe lançava críticas, incitando a mudança dos textos, colocações e vocábulos. Sempre atentando ao modo da censura exigida, traçando assim “[...] o perfil dessa censura informal com grande clareza” (MACHADO, 1988, p. 161).

Ainda de acordo com a mesma citação, destacamos uma forte revelação dada por Helena, que reconhecemos nas lembranças da autora. No que diz respeito ao não cumprimento das exigências da censura no jornal o qual a personagem trabalhava, ela diz que “[...] a grande maioria dos vetos vinha mesmo na véspera, antes que o texto fosse aprovado, em emocionais rompantes de viva voz, jamais registrados para a história” (MACHADO, 1988, p. 161).

Entendemos através dessa confissão que os jornais antes mesmos de serem aprovados pelos olhos da censura, eram revisados pelos chefes. Ou seja, existia uma espécie de subcensura dentro de uma censura muito maior, que vetava não apenas informações e noticiários. A metáfora “emocionais rompantes de viva voz, jamais registrados para a história” nos quer dizer que havia uma série de sessões de torturas psicológicas acerca de um trabalho totalmente manipulado, repleto de repreensões, pressões e gritos vozeados pelos líderes da

imprensa comandados pelo governo. Acontecimentos esses que, ficaram apenas dentro dos jornais e não foram revelados a público como tantas outras situações.

Na revista *Litere-se*<sup>10</sup>, na apresentação sobre Ana Maria Machado, há, em meio ao seu acervo biográfico, a seguinte alegação: “[...] Em Paris, onde viveu parte de seu exílio, trabalhou como jornalista para a revista *Elle*.” Confirmada pelo estado da personagem quando se diz que “[...] Lena, sentadinha na sala de seu apartamento em Paris, viu que o Brasil não estava vendo e se recusava a ver” (MACHADO, 1988, p. 289). A leitura da revista nos faz olhar com atenção para as expressões francesas ao longo da narrativa de Machado. O que nos provocar pensar que a personagem Helena Maria bebeu de algumas inquietações de Ana Maria sobre os exílios terem acontecido em Paris, constatamos o uso de várias expressões francesas ditas pela personagem no decorrer do romance, aos quais podemos citar segundo Machado (1988): “[...] na passagem do carreiro de saúvas que vinha lá de longe em direção ao *flamboyant*”<sup>11</sup> (p. 19); “[...] a *garderie en plein air no jardim du Luxembourg*”<sup>12</sup> (p. 128); “[...] Camilo se entupia de *carotte râpée*”<sup>13</sup> (p. 193); “[...] *Ça alors*”<sup>14</sup> ... Não faltava mais nada.”(p. 265); e “[...] em que *les événements de mai*”<sup>15</sup> ficaram suspensos no ar” (p. 267).

Com essas exemplificações, entendemos que o exílio em Paris fez com que as Marias, expressassem essa aproximação por meio do uso de vocábulos franceses em suas colocações no romance *Tropical sol da liberdade*.

Nesse aspecto, cabe mencionar sobre a escrita de si tratada por Michel Foucault (1992), que nos diz sobre questões biográficas num sentido de significações e representações especiais ao sujeito, tratando sobre a autoria e a personagem como uma relação de vidas.

Contudo, reconhecemos, a partir do texto literário de Machado, algumas referências narrativas miméticas, ou seja, os trechos da narrativa possuem imitações da realidade que é quando a ação do ser humano é reflexo e

---

<sup>10</sup> Acesso em: <http://revistalitere.com/ana-maria-machado/>

<sup>11</sup> Extravagante.

<sup>12</sup> Creche ao ar livre.

<sup>13</sup> Cenoura ralada.

<sup>14</sup> Então.

<sup>15</sup> Eventos de maio.

representação de forma positiva ou negativa que a realidade demonstra MILITZ (1992, *apud* Aristóteles, 1971). Na busca de “[...] um território seu, sem invasões, sem promiscuidade, sem editor cortando frase ou acrescentando entretítulos gaiatos como no jornal” (MACHADO, 1988, p. 44).

Assim, as Marias podemos ser todas nós. Ana Maria se serviu da voz de Helena para denunciar uma época tão machista, sexista e violenta. Mostrando a força, a raça, a gana sempre ainda que a censura e a opressão tentassem calar suas vozes e atassem suas mãos para escrever e publicar no país a verdade. Desse modo, ainda que “a dor da gente não saísse no jornal” (MACHADO, 1998, p. 35), Marias e Marias militaram e rezaram em canto: “Liberdade, liberdade, abra as asas sobre nós” (MACHADO, 1988, p. 69).

### **3 TROPICAL SOL DA LIBERDADE: TERRA DAS MEMÓRIAS E CEMITÉRIO DAS DORES**

Este capítulo faz um convite a nos aprofundarmos no romance *Tropical sol da liberdade*, publicado em 1988, pela escritora e também jornalista Ana Maria Machado. Nessa seção, será disposto um olhar mais adentro do romance nas perspectivas analíticas focadas em nosso objeto de estudo e fundamentadas nas teorias de personagem segundo Antônio Cândido (1976), Beth Brait (1985), Cândida Gancho (1991), e Luís Cardoso (2003); além de memória com Henri Bergson (1896; 1999) e Maurice Halbwachs (1991; 2006).

O nosso *corpus* de análise se trata de um romance de caráter político, porém com traços fictícios. Corresponde a uma narrativa que rememora os acontecimentos permeados dentro do período de ditadura que se fincou entre os anos 60 e 70, de modo que a nossa pesquisa incide em trabalhar sob as categorias de análise da personagem e memória. As temáticas trazidas no romance vão desde problemas sociais à condição da mulher, exílio, e depoimentos sobre o contexto de ditadura, inseridos no sistema capitalista.

Estruturalmente, o romance é composto por quinze capítulos, sendo que cada capítulo traz uma abertura em numeração romana juntamente com uma epígrafe referente ao que se discorrerá no capítulo, na voz de escritores consagrados como: Ferreira Gullar, João Cabral de Melo Neto, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade e Cacaso.

Nessa abertura, vale salientar que verificamos a escrita sobre esse mesmo romance e proximidade nas temáticas e categorias de análise de nossa pesquisa (personagem e memória) em: *A Ditadura Brasileira em obras de autoria feminina: testemunho e memória*, pela autoria de Cecil Jeanine Albert Zinani e *Na contramão da ordem vigente: A mulher no contexto da Ditadura Militar em Tropical Sol da Liberdade*, de Ana Maria Machado, por Mirele Carolina Werneque Jacomel.

Sendo assim, a divisão de nossa pesquisa se encontra por dois subitens, nos quais o tópico 3.1 *Helena Maria de Andrade: A personagem e fragmentos de seu eu* traz discussões acerca das marcas descritivas de perfil da personagem Helena, no que compete a caracterização do narrador e sua auto caracterização enquanto mulher forte, resistente, na busca da justiça e além de seu tempo. Sendo essas fundamentadas pela teoria da personagem com Brait (1985) que traz os conceitos de personagem, e discussões sobre a reprodução da realidade com Aristóteles na culminância de criação do ser fictício. Desse modo, Cândido (1976) aborda sobre como se origina o personagem e a sua finalidade simbólica como ser dentro da ficção; assim Gancho (1991) infere sobre a visualização dos personagens na narrativa, personagens protagonistas e personagens redondos e Cardoso (2003) traz discussões a cerca dos agentes da narrativa. Ainda nesse tópico, trataremos sobre a crítica feminista entrelaçada nas discussões sobre a personagem em Cunha (2012, *apud* Macedo, 2005), Zolin (2013) e Zolin (2013, *apud* Beauvoir, 1980).

No subitem 3.2 *O desarquivar ditatorial a partir das vivências de Helena: Memórias, pesadelos e estilhaços* conduz as discussões referentes às memórias do contexto de ditadura vivenciados e contados pela personagem Helena. Para tal, como embasamento teórico recorreremos ao conceito de memória trazido pelo Mini Dicionário Aurélio (2001), em seguida Bergson (1896; 1999) e Halbwachs (1991;2006) abordam sobre a memória íntima e coletiva como um fenômeno entrelaçado a uma recordação social e histórica.

### 3.1 HELENA MARIA DE ANDRADE: A PERSONAGEM E FRAGMENTOS DE SEU EU

Nosso objeto de estudo centra-se primeiramente na categoria da personagem com Maria Helena de Andrade, figura central e comandante das ações e desenrolar da narrativa no romance *Tropical sol da liberdade*. Conforme o texto literário, Helena busca “[...] tentar ordenar os fragmentos, [...] expor o drama, contar no palco a tal trajetória de uma mulher na periferia dos acontecimentos...” (MACHADO, 1988, p. 46). Essa declaração nos informa sobre a intencionalidade da personagem enquanto ser dentro da narrativa, de modo que se subteme uma complexidade de personalidade decorrente de acontecimentos traumatizantes já vividos pela personagem. Assim, através das informações primeiras do texto entendemos que a trajetória de Helena se configura em um presente caos, que agora precisa ser posto para fora por meio de suas lembranças.

Segundo Beth Brait (1985, p.11-12) citando o Dicionário enciclopédico de ciências da linguagem organizado por Oswald Ducrot e Tzvetam Todorov, “[...] a personagem é um ser de papel. Entretanto recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção.”

Conforme essa leitura de Brait, é preciso entender que a personagem é um ser fictício, criado para habitar na ficção. Mas, que esta criação é partida de experiências muitas vezes da realidade no que competem à inspiração de escrita por meio de estereótipos, feições, traços e características de pessoas reais. O que nos leva a compreender que a criação e construção da personagem na ficção baseiam-se na imitação do real.

Helena, enquanto personagem na narrativa de ficção se comporta como um ser de traços também reproduzidos da realidade, pois se trata de uma mulher com características comuns, apesar de algumas peculiaridades. Podemos ilustrar sobre essa imitação do real no que diz respeito à profissão de Helena como jornalista, o apego às lembranças da infância, os problemas conjugais com o marido em virtude do surgimento de uma outra mulher, a querência de

engravidar, a convivência com uma doença, e o senso de consciência social e da falta de impunidade.

Vale salientar que conforme a teórica, não se pode negar a forte relação entre a pessoa e a personagem, de modo que ambas são necessárias uma à outra nas questões de construção e reconhecimento, partindo do pressuposto de que a pessoa está no plano real e a personagem é a criação embasada na imitação dessa realidade.

Relacionamos esta à concepção de personagem e a tradição crítica discutida no princípio por Aristóteles que nos traz o conceito de *mimesis*, com a discussão e definição como “imitação do real”, equivalência ou reflexo da realidade (BRAIT, 1985, p. 29).

Antônio Cândido (1976, p. 51), no texto sobre a origem e elaboração da personagem, nos esclarece que “[...] as personagens saem necessariamente de um universo inicial ([...], a sua natureza humana e artística) [...]” Através dessa correspondência, percebemos que as personagens são criadas a partir de um trajeto de via dupla o qual é concebido através de perfis de natureza humana para assim dar vida aos seres fictícios, de natureza artística.

Assim, entendemos que a verossimilhança se trata do sentido de verdade dado pelo enredo em um texto de ficção, fazendo com que o leitor compreenda e absorva essa verdade, que é a substância de qualquer texto desse caráter (GANCHO, 1991, p. 10). Com base nessa definição, constatamos essa verossimilhança quando a personagem Helena em busca de contar a sua história no contexto de ditadura escreve um texto teatral o qual cria uma personagem fictícia que recebe o nome de Vera, que, no romance, detém semelhantes características, pensamentos e indignações de Helena. Essa perspectiva de relação entre pessoa e personagem vemos em “[...] afinal de contas um fato tão real quanto o surto de Diana que Vera /Lena tinha testemunhado” (MACHADO, 1988, p. 135). Entendemos que Helena, para contar sobre sua história no período de ditadura, cria uma personagem parecida consigo mesma que recebe o nome de Vera. Ou seja, Helena cria a personagem baseada na sua pessoa, porém com outro nome; essa atitude é justificada pela questão da censura muito ferrenha na época regime, a qual vetava todas as formas de comunicação às quais pudessem declarar ou insinuar acusações

sobre o governo. Assim, podemos constatar a semelhança perceptível de Lena e Vera com Ana Maria Machado e Helena Maria de Andrade.

Nesse sentido, segundo Brait (1985) a personagem não só se localiza na divisão de reprodução da realidade ou da invenção de um ser, mas sim se torna existente a partir da relação entre essas duas naturezas. Partindo dessa ideia, podemos verificar que a personagem é produzida com base nas condições de realidade para a figuração.

No que concerne à primeira apresentação da personagem Helena no início do romance, a mesma não é anunciada através de seu nome, mas sim demarcada como o sujeito “mulher”. O que nos remete à crítica feminista quando relembra sobre o objetivo do feminismo que de acordo com CUNHA (2012, *apud* Macedo, 2005) “[...] não é negar a diferença, mas recuperar o feminino na diferença sexual, gerar um imaginário de mulher autônomo, para lá dos estereótipos existentes da mulher.” Nesse sentido, compreendemos que o uso do termo “mulher” seria para reafirmar e realçar a posição enquanto ser feminino de Helena na narrativa. Sobre essa questão vejamos:

[...] E a mulher podia ficar deitada ao sol, esticando o pé para o alto, pelo tempo que quisesse, sem ninguém que esbarrasse nela para atrapalhar a recuperação da fratura. A casa era sólida e ensolarada, isso a mulher sabia desde sempre. Mas, desta vez estava vazia, não eram férias, e ela não estava brincando nem indo a festas. Era apenas uma mulher machucada que precisava se fechar numa toca e ficar passando a língua nas feridas até cicatrizarem. (MACHADO, 1988, p. 11-12)

Pelo exposto, vemos que a personagem é nomeada pelo narrador de início como “a mulher”. Com o uso do pronome definido antecedente “a” é mostrada uma espécie de individualização da personagem, na delimitação e especificação sobre os primeiros fragmentos do eu feminino central dentro do romance. Em seguida, são apresentados detalhes referentes ao espaço o qual a personagem se encontra em primeiro momento, de modo que esses são relevantes para a identificação da figura da personagem, como um lugar familiar e íntimo a si mesma, visto em: “[...] A casa era sólida e ensolarada, isso a mulher sabia desde sempre” (MACHADO, 1988, p. 11).

Outro aspecto que nos chama bastante atenção é a informação relacionada ao estado psicológico e sentimental da personagem na citação,

antes mesmo de grandes detalhes sobre seus aspectos físicos. Efetivamente como é apresentado, o narrador nos informa que a mulher está em recuperação de uma fratura, porém, apesar de ser uma característica física, não é sentida pelo leitor com um forte peso tanto quanto a seguinte confiança de que “[...] Era apenas uma mulher machucada que precisava se fechar numa toca e ficar passando a língua nas feridas até cicatrizarem” (MACHADO, 1988, p. 12).

É claramente visto que a mulher a qual o romance traz os seus primeiros fragmentos, não se tratava apenas de uma mulher com machucados em seu pé, mas sim profundamente com quebras na alma. Essa afirmação se justifica com as pontuações feitas pelo narrador em espaço de fala quando diz que “precisava se fechar”, ou seja, a mulher precisava promover um encontro consigo mesma e ignorar a sua realidade para uma reflexão sobre sua vida e respostas para seus questionamentos internos.

Com base nisso, a crítica feminista em Zolin (2013, *apud* Beauvoir, 1980) nos aponta que conforme a posição e a situação da mulher como um ser oprimido no mundo, ela passa a não se sentir um sujeito comum, apagando suas expressões próprias de ser humano, de tal forma que estanca a sua projeção de vida em termos vitais de autoafirmação e autocriação. Nessa feita, verificamos que Helena buscava respostas sobre sua vida numa perspectiva pessoal de dentro para fora, e agia conforme o seu senso de justiça e moral, sendo essas ações em um contexto de ditadura no qual poucas mulheres se auto afirmavam e se auto criavam como seres atuantes. Assim, a personagem não se conformara com a opressão que lhe cercara na vida, no trabalho como jornalista perante a censura e no contexto social como mulher, cidadã e combatente contra o regime ditatorial.

Parece, portanto, oportuno reproduzir que a personagem necessitava juntar os cacos de si mesma, e até mesmo na personificação dessa, por outro lado, também ser percebida como um animal, um ser desprovido de qualquer racionalidade que, através de seus impulsos de natureza, buscava apenas um abrigo. Nesse particular, entendemos que o termo “toca”, usado comumente para referir-se a moradia de alguns animais, aparece na designação do ambiente de estadia da personagem como uma representação de morada e ao mesmo tempo refúgio. Por conseguinte, em confirmação ao impulso instintivo próprio da natureza animal e irracional, vemos o estado da personagem descrito pelo

narrador que nos diz que a mulher precisava ficar passando a língua em suas feridas, afim de que elas cicatrizassem com o tempo. Sabemos bem que passar a língua nas feridas é uma atitude propriamente animal, não-humana, o que automaticamente faz relação com o ambiente descrito anteriormente e nos faz entender que a personagem se encontrava leprosa diante dos acontecimentos e fatos de sua vida.

Dessa forma, nessa sintética caracterização, o leitor enxerga sob a ótica do narrador os primeiros traços da personagem. Sobre isso, Brait (1985) enfatiza que o narrador produz a criação de uma suposta ilusão na qual se enquadra a personagem, que através de sua caracterização e ambiente configuram a sua existência.

Na claridade dos primeiros traços de delineamento do perfil de Helena, em uma conversa com seu amigo Honório, no compartilhamento sobre as experiências de exílio no período ditatorial, ele faz a seguinte declaração:

[...] Você é uma dessas raras pessoas com quem estou curtindo trocar ideias há um tempão, acho incrível. Você encarou na maior naturalidade a maneira como estou vendo tudo, as roupas que eu estou vestindo, a comida que estou comendo. E antes de eu ir embora, nunca teria pensado que aquela mulher tão caretinha, tão vocação de mãe de família, ia dar essa volta, virar uma pessoa rara, interessante, nova. É desse mistério que eu falo, tua trajetória. Você deveria registrar isso, dar um depoimento... (MACHADO, 1988, p. 32)

Considerando essa enunciação, Honório nos apresenta características extremamente positivas da personagem Helena, de modo a descrevê-la como uma pessoa rara, no sentido de ser única em sua forma de ser, o que nos aporta à crítica feminista em Zolin (2013) quando descreve sobre os estereótipos femininos, as personagens da literatura e suas conotações. Sendo, nesse sentido, Helena como uma mulher-anjo, e/ou indefesa, e/ou incapaz, e/ou impotente, rotulada pela ideologia dominante de Honório.

Percebemos também na fala de Honório que antes Helena era uma mulher “caretinha”, com moral, valores e princípios conservadores voltados ao patriarcalismo. Nesse ponto, cabe discutir basilarmente sobre dois conceitos também apresentados pela crítica feminista com Zolin (2013) que são os de: desconstrução e patriarcalismo. Em primeira questão, vemos que Helena adotava certa imagem de mulher conservadora que agora não lhe coubera mais,

o que diz respeito a uma desconstrução da ideologia do perfil feminino, trazida ao longo do tempo. Em segunda questão, vemos que a personagem obtinha um estereótipo de mulher comum ao sistema patriarcal, que fora rompido na busca de uma visualização da mulher como detentora de poder na instituição social e a quebra das barreiras sobre o homem obter a autoridade tida como indiscutível.

Podemos citar também outro traço interessante à construção do perfil da personagem Helena que se trata de sua reinvenção, como o próprio Honório coloca em sua fala, a personagem deu a volta por cima em relação a questões pessoais e contextuais de exílio de modo a transformar-se em uma nova pessoa com as qualidades de raridade e novidade passíveis de ser um “mistério” a sua história.

Nessa perspectiva de contar sobre sua história, ideia posta por seu amigo Honório, a personagem Helena usa a sua voz e, ao passo que se auto reconhece, indaga e profere sua primeira fala dizendo: “[...] Contar a história da periferia? [...] periferia histórica” (MACHADO, 1988, p. 34). Então, nota-se que a personagem reconhece que contar a sua história é contar sobre algo muito mais profundo, no sentido periférico dos limites de seu eu e do contexto de ditadura o qual ela foi submetida. Sobre essa questão cabe tratar no que compete ao autoconhecimento da mulher em suas questões internas e externas, sendo relevante compreender que essas estão de inteira associação com a posição da mulher enquanto ser dentro da sociedade. Nessa feita, a mulher precisa ser para estar, e assim, seu corpo, suas ações e a própria vivência em sociedade serão instrumentos e frutos da voz e da vez de centenas de mulheres.

Quando passamos para a leitura de Cândida Gancho (1991) em relação ao papel do personagem no desempenho dentro do enredo e na apresentação de conceitos sobre a visualização desses, é relevante considerar sobre algumas definições. A de personagem protagonista que “[...] é o personagem principal” (GANCHO, 1991, p. 14), e dentro desse, personagem herói que “[...] é o protagonista com características superiores as de seu grupo” (GANCHO, 1991, p. 14). Ambas as conceituações são importantes, de modo que dizem respeito a nossa personagem de estudo Helena. Sobre isso vejamos:

[...] pensava Lena. [...] Sabia que, no fundo, tinha vindo até aqui em busca de uma certa calma que lhe permitisse encarar de frente a

situação. Como se precisasse se reabastecer no passado para poder olhar o futuro. Uma espécie de tentativa de redescobrir a segurança inconsciente da infância, vivida entre aquelas paredes e aquelas árvores, arejada por aquela mesma brisa que às vezes até incomodava com sua constância irritante. (MACHADO, 1988, p. 44)

Primeiramente, em se tratando da discussão sobre Helena ser a personagem protagonista da história, através da citação, podemos enxergar de fato que o enredo gira em torno de si. De modo que a personagem pensa e ao mesmo tempo em que ocorre esse pensamento, o narrador que se mostra íntimo ao autor e a personagem visto isso pela intimidade no chamamento de “Lena” ao invés de “Helena”, apresenta uma declaração que retrata a missão da personagem na oportunidade do enredo, como um alguém central que veio passar a limpo a sua história através de suas memórias e junção dos fragmentos de si mesma.

Com base nisso, em se tratando da figura de heroína representada por Helena no romance, verificamos essa faceta quando Marcelo (irmão de Helena, líder estudantil na ditadura) se via fugitivo da repressão do governo, e a personagem se apresenta como uma mulher militante, apartando de si a designação, comportamento de outras mulheres nesse período. Nesse contexto de perigo e medo, Lena encontra-se com ele secretamente em um terreno vazio, com o objetivo de pegar o carro que estava com o irmão e dar-lhe notícias, tendo a ajuda de seus amigos Luís Cesário e Carlota. Sobre isso o velho Luís Cesário diz à Helena: “[...] - Estou feliz e orgulhoso por poder ajudar, Lena. Agradeço muito a você, minha querida, que nos deu a oportunidade de fazermos alguma coisa pela liberdade do país a esta altura da vida, com a idade que temos...” (MACHADO, 1988, p. 307). Ou seja, Helena em sua postura de mulher militante influencia aos demais amigos ao mesmo comportamento.

Com a fala da personagem Luís Cesário, podemos fazer pontuações precisas na definição de Helena como o personagem herói da história. Percebemos que Helena possui um objetivo, um dever, que é encontrar-se com seu irmão ainda que procurado pela vigência. Enxergamos também a lealdade ao seu irmão (a um familiar) que se encontra em constante nomadismo, além da valentia e coragem de encarar essa situação e contribuir com o irmão ainda que soubesse dos riscos que corria.

Cesário ainda confia fortemente que está ali conforme a ação de Helena perante o seu irmão, era vista como “[...] alguma coisa pela liberdade do país” (MACHADO, 1988, p. 307). Essa fala prova e comprova o ato de Helena como heroico em prol de algo maior do que apenas a ajuda a um familiar, mas sim a tentativa de salvar uma nação. Essa “alguma coisa” proferida por Cesário se mostra grandiosa diante do cenário de ditadura “[...] que perduraria por mais de vinte anos no poder; uma conjuntura singular na história do país” (ARAÚJO, SILVA e SANTOS; 2013, p. 17). Ou seja, essa atitude que parte de Helena que move o grupo lhe rendendo características de heroína dentro da trama e, numa perspectiva mais profunda, a toma como um ser de exemplo como mulher militante dentro do regime militar.

Brait (1985) ao citar Forster, grande romancista britânico e criador da teoria das classificações dos personagens com base no estudo do romance, sob a ótica da teoria literária, aborda sobre a existência das categorias dos personagens. Nesse bojo, podemos pontuar, segundo essa teoria, que a personagem Helena corresponde a tipologia de personagem redonda. Considerando que esses tais seres fictícios são dotados de complexidade, de modo que apresentam virtudes e direções peculiares, gerando surpresa ao leitor a ponto de convencê-lo daquela verdade na ficção. Esse tipo de personagem apresenta-se no decorrer do romance de modo dinâmico e sob diversos aspectos, envolvendo o leitor na construção de um perfil que vai desde o geral ao mais singular.

Como ilustração dessa afirmação, vejamos o seguinte trecho:

[...] Onde estaria? Talvez na gana de botar para fora alguma coisa, de traduzir com palavras o olho do furacão íntimo de quem escreve, de permitir que a linguagem fosse mais importante que os fatos do enredo. Devia ser isso. Por aí... Como se fosse uma doença, um jeito obsessivo de ficar revirando as palavras sob todas as luzes, em todas as transparências e sombras, sob todas as lentes e espelhos, deformando, invertendo, faiscando, reverberando... (MACHADO, 1988, p. 36)

Com base nesse trecho, entendemos Helena como um ser de complexidades, de direcionamentos e questionamentos comparados a quem escreve. A passagem “[...] devia ser isso. Por aí...” (MACHADO, 1988, p. 36), mostra o desdobramento da personagem que intensifica as suas incertezas.

Vemos também uma analogia feita por Helena em relação ao seu auto reconhecimento “Como se fosse uma doença [...]” Entendemos com base nesse trecho que a personagem se auto enxerga como um ser de constantes alterações em seu estado de espírito e o ânimo próprio de ser, comparando seu modo de viver na constituição de seu ser como doença.

Suas tendências também são verificadas quando se diz “[...] em todas as transparências e sombras, sob todas as lentes e espelhos, deformando, invertendo, faiscando, reverberando...” (MACHADO, 1988, p. 36). Nesse sentido, percebemos as constantes nuances da personagem, que permeiam seu eu na associação de ser em meio as coisas da vida.

Na subdivisão da categoria de análise de personagem redonda segundo Brait (1985), também constatamos a classificação desse tipo de personagem como pertencente aos personagens símbolos que transcendem o humano, esbanjam em seu psicológico e nas ações. Nessa mesma linha, Cândido (1976) infere que algumas personagens apesar de obedecerem a um modo de concepção de homem, possuem uma finalidade simbólica, um estímulo que não se pode definir, estímulos esses que transcendem o que o autor materializa de maneira ao leitor supor uma imagem paradigmática. Sobre essa complexidade e essência transcendente dominantes na personagem Helena, vejamos a seguinte declaração de Amália, sua mãe:

[...] De todos os filhos, Lena era a mais distante; de certo modo, a mais diferente, a mais difícil de entender, com suas manias de independência, seu silêncio, seus modos arredios, seus segredos, tinha sempre coisas que ela escondia e não contava, desde pequena, escrevia diários secretos, se correspondendo com amigos de longe, mudando de assunto quando a mãe chegava perto. [...] tentava entender, saber mais desses mistérios, conhecer mais os segredos que poderia estar deixando a filha tão nervosa, mas era como se Lena fizesse um muro invisível em volta dela. (MACHADO, 1988, p. 150-151)

Verificamos através da fala de Amália que a personalidade da personagem Helena é complexa, e por isso é difícil de compreender os seus modos de ser e de agir segundo a opinião materna. Percebemos que a mãe, ao passo que detalha sobre a personalidade da filha, acaba delineando o seu perfil de “mulher misteriosa” ou “mulher de segredos”.

Essa se mostra como uma tendência que é própria do gênero romance moderno iniciado no século XVIII ao século XX, que trata a personagem em suas

visualizações como seres possuidores de uma das duas faces: seres de conduta “correta” e facilmente entendível pelas suas características que são fixas, ou seres complexos que possuem peculiaridades e obscuridades, além de traços não fixos e misteriosos. (CÂNDIDO, 1976).

Entendemos também, através da mesma citação, que um dos atos que a personagem Helena mais detestara era se sentir vigiada. Confirmamos essa questão através da fala da mãe que podemos relacionar com o contexto de ditadura vivida pela personagem, de modo que a vida das pessoas era a todo tempo controlada e vigiada pela vigência. Nesse sentido, a crítica feminista de Zolin (2013) nos aponta sobre o feminismo existencialista de Simone de Beauvoir (1980), que pregara sobre o estudo da mulher em relação às suas opressões e os modos de combatê-las. O que nos leva a crer que essa abominação de Helena em relação a se sentir vigiada, controlada, não é apenas um aspecto seu de personagem da ficção, mas sim uma demonstração de um sentimento de caráter histórico. De modo que a mulher no decorrer do tempo era coberta pelas asas masculinas, sem muitos espaços e escolhas, que agora liberara suas larvas de vulcão em ebulição, na defesa de uma nova raça feminina.

Gancho (1991) delimita quatro tópicos acerca das características dos personagens redondos que são: físicas (corpo, voz, gestos, roupas), psicológicas (personalidade e aos estados de espírito), sociais (classe social, profissão, atividades sociais), ideológicas (modo de pensar do personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião) e morais (se é bom ou mau, se é honesto ou desonesto, se é moral ou imoral).

Levando em consideração tais colocações teóricas em relação ao nosso objeto de estudo que é a personagem Helena, verificamos na categoria sobre os aspectos físicos abordados por Gancho, sobre o corpo, que segundo as tendências da crítica de cunho feminista contemporâneo trata-se da “[...] fonte da imaginação” (ZOLIN, 2013, p. 227). Essa, por sua vez, é fundamentada pela ideia dominante masculina de que ‘a mulher é apenas um útero’, tão certamente destinada a cumprir papéis em forma de sentenças. O corpo, nessa feita, é desenhado como a representação da mulher através dos sentidos. Assim, vemos a ilustração dessa em: “As pálpebras pesavam, os músculos ficavam preguiçosos, como se cada fibra e cada célula de seu corpo ainda guardassem a memória [...]” (MACHADO, 1988, p. 155). Compreendemos a partir da citação,

que o corpo de Helena estara inteiramente associado com as suas memórias íntimas e coletivas, como respostas aos fluidos sentidos de dores internas e externas de carne. Pensando o corpo da mulher no contexto de ditadura, entendemos que se tratara de uma materialidade sensível, pelo gênero e pelo próprio cerne político-social, mas que lutara e trouxera marcas tão fortes que supera às de um espartilho.

No que compete à voz, elemento vital na expressão do ser humano em âmbito de fala e da própria existência, a crítica feminista em Cunha (2012) traz sobre essa a discussão de linguagem como fator essencial na afirmação de uma identidade e na busca pelos ideais de cultura e poder. Verificamos assim, a percepção de voz em: “Alguma coisa dentro dela ia crescendo em rebeldia. Algo ainda difuso, mas que não a deixava ficar calada” (MACHADO, 1988, p. 54). Com base nesse trecho, vemos e entendemos que a personagem não se contentava com a repressão instituída para a sua raça feminina e nem tão pouco na conjectura de ditadura, alimentando assim a sua essência de rebeldia e equalização de voz perante esses dois vieses.

Em relação aos gestos, o texto literário nos aporta: “Lena fez um gesto expressivo de encerrar a refeição. Cruzou os talheres, afastou ligeiramente o prato, chegou a tirar o guardanapo do colo e botá-lo sobre a mesa. Só faltava recuar a cadeira, levantar e sair” (MACHADO, 1988, p. 35). De acordo com essa passagem, que retrata a conversa com o seu colega de trabalho Barros a cerca da tortura, na qual o próprio concorda com o ato, vemos a postura de Helena mediante esse fato, o que nos mostra a tomada de partido da personagem enquanto militante nas ideias e atos sobre a ditadura. No que diz respeito à questão da mulher, vemos que Helena ao encerrar a refeição com um gesto expressivo parece indicar o rompimento com a tradição de mulher enquanto ser oprimido e sem voz.

Na categoria dos aspectos psicológicos em Gancho (1991), constatamos sobre a personalidade de Helena, em “[...] delimitando um território seu, de liberdade pessoal” (MACHADO, 1988, p. 44). O que nos leva a entender que a personagem prezara pela liberdade, pelo comando próprio de seus pensamentos e ações, se delineando como uma mulher desprendida dos padrões e conceitos tradicionais.

Em paralelo a essa discussão, é oportuno tratar sobre os estados de espírito da personagem, outra subcategoria de Gancho, vista em: “Parecer bonitinha e boazinha no mundo lá de fora que todo mundo está vendo, feito aquelas meninas exemplares dos velhos livros infantis” (MACHADO, 1988, p. 46). Conforme esse trecho, percebemos que a personagem declara criticamente sobre um estereótipo de mulher o qual sociedade impunha, ou mais precisamente, a detenção de qualidades extremamente perfeitas e incontestáveis. Dessa forma, vemos sob a ótica da crítica feminista que a personagem apresenta uma tendência de quebra em relação a sua personalidade, demonstrando aspectos da mulher contemporânea.

Em prosseguimento, nos aspectos sociais entendidos como as características da personagem em relação com seu poder aquisitivo, no que diz respeito à classe social, o romance nos retrata acerca da posição social de Helena como uma “[...] Garotinha classe média, universitária” (MACHADO, 1988, p. 34). O recorte nos mostra duas informações cabíveis à nossa discussão sobre os aspectos sociais da personagem, de modo que a posição de classe média traz consigo o caráter de que Lena possuía condições razoáveis de vida, porém com acesso a cultura, ao lazer e as diversas formas de entretenimento. Somando a essas, a personagem também é descrita como universitária, o que afirma sobre o seu alcance ao conhecimento através das possibilidades oriundas de sua classe. Ou seja, Lena se delinea como uma mulher de capital cultural.

Na perspectiva dos aspectos ideológicos também apontados teoricamente por Gancho (1991), na subcategoria de modos de pensar da personagem, detectamos a seguinte passagem: “Alguma coisa lhe dizia que doença e morte era deixar que alguém a silenciasse e cassasse sua palavra e seu desejo” (MACHADO, 1988, p. 55). Vemos que apesar de ser uma enunciação proferida em terceira pessoa pelo narrador, compreendemos que é íntimo, da personagem a vontade de liberdade, de vez e de voz. Com base nisso em relação ao contexto de ditadura, muito podemos entender sobre o perfil de mulher de Helena enquanto militante, que buscava na palavra e no desejo de justiça o bem de muitos. Essa agonia referente ao silêncio também pode ser referida ao posicionamento da mulher enquanto sujeito dentro de uma sociedade já patriarcal e nesse panorama governada em sua integridade por homens.

No que compete à subcategoria de filosofia de vida, verificamos o seguinte fragmento: “Lembrava de um trecho de um livro de Clarice, dizendo que há mais vida num cachorro morto que em toda a literatura. E sabia que queria esse resto de vida, qualquer vida, mesmo esgarçada, em fiapos” (MACHADO, 1988, p. 55). Sobre a citação, vemos que Helena faz menção a escritora e também jornalista Clarice Lispector, mulher e profissional além do seu tempo, que tratara a vida e o cotidiano na sua mais alta profundidade. A personagem apresenta sua filosofia de vida como uma mulher que luta pela vida, de modo que podemos associar essa também ao combate com a opressão própria ao ser feminino e numa perspectiva militância de povo no contexto de ditadura.

Em concomitância com essa, na subcategoria de opções políticas verificamos uma fala da personagem que retrata:

[...] Eu não tinha escolhido aquilo. E cada vez mais descobria que não tinha escolha, tinha que continuar, seguir em frente, porque também tinha certeza de não ter escolhido a neutralidade, de jeito nenhum, eu estava sendo supersolidária com vocês. [...] Porque eu não queria andar no caminho de vocês. (MACHADO, 1988, p. 34-35)

Helena declara através do fragmento sobre sua tomada de posição contra a vigência, de modo a mostrar uma solidariedade no sentido de contribuir entre aspas com o sedimento de notícias ao Barros, diretor do jornal e apoiador do regime. Esse comportamento da personagem aparenta indicar uma forma de driblar a censura e a própria ditadura.

Com base nessas categorias estabelecidas por Gancho (1991), podemos traçar a cerca do perfil de Helena. É interessante reconhecermos que conforme as informações embutidas nos trechos, entendemos que Helena é uma personagem que possui tendências que passeiam sobre a transcendência do perfil de mulheres tradicionais, mesmo estando inserida no grupo de mulheres de traços conservadores do século XIX. Alonso (seu marido) escreve em um livro de arte dado a Lena no natal com a seguinte dedicatória: “Para a pessoa mais século XX que já conheci...” (MACHADO, 1988, p. 25). Com essa citação, podemos entender que Helena era à frente de seu tempo, em virtude de seus pensamentos e ideias a cerca de si como mulher e posicionamento enquanto povo dentro da ditadura. Além de possuir valores, moral e conduta, uma mulher de opiniões que prezava a liberdade, o amor e a justiça.

Reconhecemos também que Helena é a personagem do centro e que a partir de seu instalar-se na história é o momento em que tudo se discorre. A personagem acende um “agora” com respingos de fogo de um passado, e torna a “casa” um ambiente até então sem vida, transformando em um cenário de força para reavivar memórias e ocasionar novos acontecimentos.

Sobre a relação da personagem com o conflito é claramente evidente em relação à ideia que perdura no decorrer do romance, Helena é uma mulher que está na periferia dos acontecimentos e ao mesmo tempo dentro do olho de um furacão (MACHADO, 1988). Ou seja, a mulher se encontra nas extremidades de seu eu no sentido de que convive com suas limitações pessoais/psicológicas, e ao mesmo tempo se vê dentro do furacão que é o contexto histórico de ditadura militar em si. Sendo essas encarnadas pela convivência com o embate de forças em seu trabalho no jornal, pela luta individual enquanto sujeito na sociedade e concomitante com a posição de seu irmão, líder estudantil.

Ademais, ainda no estudo respectivo sobre a personagem é imprescindível discutir também sobre o narrador, visto que o narrador é quem estabelece a relação entre o autor e a personagem, ou em certos casos em apenas entre personagem e o conflito. Vale salientar, que não é de nosso interesse nos aprofundarmos na discussão teórica sobre narrador, até porque o nosso foco é a personagem, mas algumas pontuações referentes a essa se fazem necessárias para a compreensão da personagem como elemento conjunto na narração.

Luís Cardoso (2003), sobre o quadro de agentes da narrativa no que diz respeito à relação de personagem e quem conta a história, denomina o narrador como o agente que está embutido ao texto ficcional, e dentro dessa perspectiva trata sobre as quatro tipologias de narradores: autodiegético, homodiegético, intradiegético e heterodiegético.

Dentre esses tipos, destacamos a tipologia de narrador autodiegético, que, segundo Cardoso (2003), se define como aquele que conta a sua própria história na narrativa, na colocação de si mesmo como personagem central. Nessa feita, entendemos, através de nossa leitura, que a personagem Helena relata sobre sua história numa perspectiva íntima, afetiva e também coletiva, social. E que é a partir dela que se desenrola o romance engendrado nos fatos históricos postos em realidade.

Em se tratando desse narrador, também característica de nosso romance de estudo, é importante assimilarmos que: “[...] A condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados” (BRAIT, 1985, p. 60). Vejamos no exemplo:

[...] Foi logo quando eu saí da faculdade e estava começando em jornal. Uma das primeiras matérias que eu fiz, e que saíram com destaque, era uma entrevista com um poeta, e a conversa ficou ótima, ele conseguiu ficar à vontade, falar sobre a criação, eu fui feliz na hora de redigir aquilo, sei lá, ficou bom mesmo. (MACHADO, 1988, p. 117)

De acordo com a citação apresentada, visualizamos o narrador e também protagonista, de modo que a personagem Helena, em seu espaço de fala, narra à história a qual a própria se encontra inserida. Esse momento de fala ocorre quando Helena está em conversa com sua mãe Amália, na explicação sobre o contexto o qual conheceu os seus grandes amigos até então, Luís Cesário e Carlota.

A citação também nos mostra acerca de um breve histórico sobre o deslançar da carreira de Helena como jornalista, de maneira que é possível apreender através da narração da personagem o quanto se regozijara por aquele momento, visto como um marco na sua carreira profissional e em sua vida, “[...] eu fui feliz” (MACHADO, 1988, p. 117).

Em compactuação com essa discussão, também vale salientar sobre o tipo de narrador homodiegético que, segundo Cardoso (2003, p. 58), “é personagem e narrador de sua própria história.” Assim, entendemos a partir da leitura do romance, que Helena vive a ficção e em seu espaço de fala relata em sua própria ótica sobre os acontecimentos e ações da trama. Sobre essa questão, em exemplo, notemos:

[...] Num relance, Lena se deu conta. Entendeu tudo. A consciência única. Juntou todas as coordenadas exteriores, objetivas, os dados concretos que tinha e nem notara antes. Era uma mulher deitada na pedra de sacrifícios da Pirâmide do Sol. Solstício de verão. Sol a pino. Sentou-se de um salto. Sentiu seu sangue. Soava surdo no susto. Latejava no pescoço, nas têmporas. (MACHADO, 1988, p. 158)

É interessante destacar a definição que o narrador faz da personagem, quando diz: “[...] Era uma mulher deitada na pedra de sacrifícios da Pirâmide do Sol. Solstício de verão. Sol a pino” (MACHADO, 1988, p. 158). As ideias apresentadas pelo narrador indicam que Helena adotava um certo comportamento no passado que agora não mais tivera (ser uma mulher que se sacrificava), é entendível isso pelo emprego do verbo “ser” que aparece conjugado no pretérito imperfeito do indicativo.

As ideias “Pirâmide do Sol”, “Solstício de verão” e “Sol a pino” são termos usados no recorte que possuem encadeamento em seus sentidos, indicando a ideia conjunta de que a mulher estava ferventemente e altamente em doação de si mesma, se sacrificando em seu mais nível. A pirâmide representara a vida e a sua desconformidade, pensando na figura literal como um sólido que é formado por segmentos que levam a uma extremidade.

Vale ressaltar sobre a intensa relação da personagem com o sol, de modo que conferimos no romance algumas passagens nas quais Helena menciona o sol como conexão a si e o trata de modo sagrado, numa perspectiva analógica de deus mitológico. Atentemos em “Apesar de sentir com a maior clareza como as luas e as marés se alternavam ciclicamente dentro de si, era mesmo com o sol que Lena mantinha sua independência vital” (MACHADO, 1988, p. 155).

Vemos, a partir do fragmento do romance, que a personagem reconhece dentro de si os estados da vida personificados pelas luas e pelas marés, o que entendemos por serem as fases as quais a vida tende a ser clara por vezes e por outras de alterações. Helena cita a lua e a maré como elementos de força sentidos por ela, nos quais ambos são obtidos através de ciclos, de constantes mudanças. Porém, em sua fala, dá relevância e preferência ao sol como uma luz que a ilumina e a dá vida, no sentido de ânimo e esperança para viver.

Nessa perspectiva, ainda sobre esse vínculo de Helena com o sol, notemos na passagem, no trecho do romance “Lena entendia perfeitamente que os povos chamados de primitivos cultuassem a força da natureza. Mas, de maneira muito especial, se sentia em comunhão com incas, astecas e outros adoradores do sol” (MACHADO, 1988, p. 155). Nesse ponto, podemos notar outra característica muito forte da personagem que é o culto à natureza, e o culto ao sol como divindade e luz de regeneração vital.

Por fim, conseguimos enxergar através de uma conversa de Helena com o seu amado avô, outro ponto relevante sobre o perfil:

A menina Lena não sabia o que era fênix. Só foi saber mais tarde, quando cresceu. E a mulher Lena pensava consigo mesma que era isso mesmo o que ela precisava ser, uma fênix. Em algum momento, teria que fazer isso, renascer integral. Como a cobra que sai inteira da pele velha, deixa para trás a casca vazia e brota dentro de si mesma, nova, guardando aquilo que era essencialmente. Não como a borboleta, que sai do casulo sem conservar nada da lagarta que tinha sido antes. Renascer sem metamorfose, fiel a si mesma. Um desafio permanente. O de conseguir estar viva. Sobreviver e se organizar [...]. (MACHADO, 1988, p. 248)

Verificamos nesse trecho, primeiramente, a Helena menina, aparentemente inocente e pura, imune à busca do entendimento por questões complexas, hábito comum a todas as crianças. Em seguida, vemos a Helena mulher, adulta e madura, ciente das necessidades das fases e mudanças necessárias a uma vida, além da busca das respostas para questões que outrora criança não haveria de se preocupar.

Helena se mostra consciente acerca do que necessitava ser, tal qual uma fênix. Segundo João Carlos Pereira (2001) sabemos que a fênix era um pássaro provindo da mitologia grega, que ao morrer e se tornar cinzas, a partir dessas renascia, viveria outra vez. Além de ser um pássaro de força e fogo. Entendemos que Helena precisava morrer no sentido de passar por certas dificuldades, dores e sofrimentos para poder nascer de novo, por completo, com mais força e fogo de vida.

Para a personagem, não bastava renascer por partes, e sim integralmente. Não como a borboleta, mas como a cobra. Nesse sentido, numa perspectiva de mulher, a ideia de renascer sem transformação é, apesar de saber das mudanças, não deixar de ser quem se é de verdade. Viver como uma sobrevivente as turbulências e complexidades da vida, mas a partir dessas forças buscar se reinventar, permanecer viva e buscar organizar formas de viver. Assim, também entendemos a personagem como uma “mulher fênix.”

Com base no que foi exposto sobre a personagem Helena Maria de Andrade e os fragmentos de seu eu, compreendemos que Lena se mostra como um ser com uma certa medida de complexidade e multifacetado. Protagonista, heroína, personagem redonda (símbolo) que apresenta características

claramente demarcadas como: físicas, psicológicas, sociais e ideológicas. Personagem central e condutora da ação na ficção, e que em seu espaço de fala incorpora como narradora de suas experiências individuais e coletivas.

Menina, mulher. Passado, presente e futuro. Helena Maria de Andrade: A mulher dos segredos, dos mistérios, da busca pela liberdade. Adoradora da natureza e do sol. A jornalista, a mulher, a alma fênix, que recolhe seus fragmentos e busca construir um novo eu. Reinvenção. Amor e justiça. Sol de infância, sol do presente, sol tropical, sol de liberdade. Mulher feita de memórias individuais que se aglomeram as memórias históricas, e que a partir dessas desarquivam o contexto marcante de ditadura militar no Brasil.

### 3.2 O DESARQUIVAR DITATORIAL A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE HELENA: MEMÓRIAS, PESADELLOS E ESTILHAÇOS

No romance *Tropical sol da liberdade*, a memória é percebida como marcas profundas de lembranças conjuntas íntimas da vida pessoal da personagem Helena e coletivas no que diz respeito ao discurso denunciador proferido por ela sobre contexto de ditadura nos precisos anos de 60 e 70, vivenciados pela personagem. Marcas essas que implicam a retomada de suas lembranças, numa perspectiva de desabafo e, ao mesmo tempo, acerto de contas.

Conforme o Mini Dicionário Aurélio (2001, p. 456), memória é a “Faculdade de reter as ideias ou imagens, impressões e conhecimentos adquiridos. Lembrança, reminiscência [...]”. De acordo com esse conceito, podemos entender, primeiramente, que a memória é como uma espécie de lugar onde se armazenam informações visuais, orais ou escritas, já tidas contato com o sujeito antes. Sendo essa possível através da atividade cerebral que intermedia ao espírito e o nomeia como “guardador de dados”, sendo reapresentados através de um gatilho que os reaciona automaticamente.

Segundo tais percepções acerca do termo memória, vemos que a retenção de lembranças particulares e coletivas fazem das lembranças de Helena um campo de estudo e visualização do contexto de ditadura, dessa vez relatada por uma mulher que ora se via na periferia dos acontecimentos e ora

dentro do olho do furacão. Vemos essas definições expostas em ilustração no trecho seguinte:

[...] Lena não podia fazer de conta que não ouvia os barulhos lá dentro. E não eram só as lembranças das passeatas e dos dias de jovens da ditadura, evocados pela conversa com a mãe. Essas eram lembranças que ela catava e espalhava por cima do terreno, para disfarçar a areia ardente em que não queria pisar. Mas por baixo queimava, e ela sabia. (MACHADO, 1988, p. 120-121)

Com base no exposto, podemos identificar que os “barulhos lá dentro” significara as lembranças que insistiam em voltar à tona, através da memória da personagem Helena. Depois dessa, as recordações são caracterizadas com clareza e definição “lembranças das passeatas, dos dias jovens de ditadura”, essas por sua vez se apresentam como relembrações que partem de um particular para algo mais amplo, coletivo. A ideia de “lembranças que ela catava e espalhava por cima do terreno” personificam essas rememorações como sementes plantadas dentro do solo de si mesma, que quando repensadas, discutidas, ocorreram como se fosse um processo de irrigação no sentido de, através dessa, florescer as memórias novamente, machucando e ardendo tal qual o efeito do sol ardente sobre o solo, o deixando rígido e com rachaduras.

Numa discussão sob a ótica histórica da ditadura, as passeatas e a juventude foram elementos de extrema ligação, pois os jovens, com o fervor e a força que a idade lhe coubera juntamente com o não apoio a vigência, realizaram eventos de massa que intensificaram ainda mais a imagem e o poder de militância do povo. Conforme Araújo, Silva e Santos (2013) as primeiras manifestações contra o regime ditatorial foram liderados pelos jovens, mais precisamente pelos estudantes, que, com auxílio de artistas, ergueram a bandeira com o lema “Abaixo a ditadura militar” e organizaram dois eventos marcantes na história da ditadura que foram o “Show Opinião e a Passeata dos Cem Mil”, realizados entre os anos de 1966 e 1968.

O evento “Passeata dos Cem Mil” foi o movimento popular de maior destaque no contexto de ditadura, organizado na cidade do Rio de Janeiro por estudantes, artistas mobilizando também professores e a população em geral. Vemos essa recordação denunciativa da personagem Helena em:

O resultado entrou para a história do Brasil como a maior manifestação pacífica de protesto popular já vivida na cidade do Rio de Janeiro, a Passeata dos Cem Mil. Claro que ninguém ia ter certeza de quantas pessoas havia na rua dispostas a desafiar o regime, não dava para contar. Mas enchiam as praças e as ruas, a perder de vista. Houve quem calculasse cerca de duzentas mil, em evidente exagero. Houve quem rebaixasse para setenta mil, em óbvia má vontade. Mas o nome de Passeata dos Cem Mil acabou ficando assim, nome próprio, com maiúscula, designando a festa cívica daquele dia que os militares tiveram que engolir, surpreendidos. Lena não conseguia pensar nisso sem um sorriso [...]. (MACHADO, 1988, p. 95)

Helena relata através do fragmento sobre o que foram e os efeitos gerados pela manifestação da intitulada Passeata dos Cem Mil, na qual a personagem, enquanto jornalista, obteve informações e boatos a cerca dos cálculos sobre quantas pessoas estariam na passeata. É interessante perceber na fala de Lena que aparentemente a personagem se sente realizada ao recontar sobre o evento histórico da passeata e que, ao narrar sobre a manifestação, aciona o cérebro na montagem do cenário a partir das imagens representadas pelas palavras, o que nos faz entender de certo modo, a partir do trecho do romance que Helena se satisfaz enquanto povo, que enfrentou com grande exército a vigência nesse acontecimento. Em se tratando sobre o cérebro Henri Bergson (1999) afirma:

[...] o cérebro é uma imagem, os estímulos transmitidos pelos nervos sensitivos e propagados no cérebro são imagens também (...) é o cérebro que faz parte do mundo material, e não o mundo material que faz parte do cérebro [...] Nem os nervos nem os centros nervosos podem, portanto condicionar a imagem do universo. (BERGSON, 1999, p. 13-14)

Segundo Bergson, o cérebro é a própria imagem, pois se trata da reprodução ou imitação através da projeção da mente. Outra questão importante é que o cérebro faz parte do mundo material, ou melhor, o cérebro reflete a realidade que está sendo posta à vista do sujeito, e essa funcionalidade não pode ser tomada por nervos ou centros nervosos. Assim, a partir desse processo proveniente do cérebro que se configura a memória como um conjunto de imagens. É possível perceber isso no texto literário em análise. Vejamos a narração a seguir:

[...] Lena se jogou para dentro de uma confeitaria, correu pelo meio das mesas, por trás do balcão, saiu por uma porta dos fundos numa rua

lateral, ainda ouvindo os latidos e os gritos, correu como nunca havia corrido, pensando em entrar numa igreja que havia mais adiante, estava fechada, havia um colégio, fechado também, latidos e gritos mais longe, se meteu correndo, chegou à rua onde passavam ônibus, fez sinal, um, dois, três, nenhum ônibus parou, continuou correndo, pela calçada, pela rua, correndo pelo meio dos carros, ainda ouvia os cachorros, cada vez mais longe, correndo, até não ouvir mais nada e verificar que já estava do outro lado do túnel, perto da casa da mãe. [...] Só sabia que Marcelo precisava de tempo para escapar. E isso era algo que ela podia dar a ele, se bancasse a raposa na frente da matilha. Ficou feliz por ter ajudado. (MACHADO, 1988, p. 100-101)

Helena retrata sobre um momento na ficção quando seu irmão Marcelo estava proferindo um discurso numa manifestação de estudantes, na qual os soldados chegaram ao local que estava acontecendo a movimentação, a fim de cessar a ação dos estudantes pela força e violência. Lena, com seu instinto familiar em prol de auxiliar o seu irmão na fuga e na consciência coletiva de despistar os militares, busca trazer o foco para si no propósito de tirar os estudantes da mira dos militares ou espalhá-los.

A personagem, ao discorrer sobre o relato, apresenta claramente as imagens refletidas através de seu cérebro, de modo que essas expõem uma realidade que se mostra detalhada por sua voz. Helena apresenta a sucessão dos fatos acontecidos desde o momento da saída da manifestação a sua chegada perto da casa da mãe, de modo a fazer com que o leitor se sinta na ofegante corrida na busca de libertação e salvação de vidas dentro daquele instante.

Podemos perceber através do trecho do romance que Helena se sacrificara pelo irmão mais uma vez, de forma que atuou como uma espécie de isca para os militares na intenção maior de livrar seu irmão de uma prisão e possível tortura, já que Marcelo fora líder estudantil conhecido pela vigência.

Com base nessa explicitação, vemos que as lembranças acionadas pela personagem aparecem de modo claro e preciso, sendo essa justificada pelo detalhamento e relato da realidade material da ditadura.

Cabe aqui traçarmos um paralelo entre as definições expostas e o nosso objeto de estudo nesse subitem, que são as memórias da personagem Helena no contexto de ditadura. Sendo assim, conforme Machado (1988), sobre os primeiros indícios de memória notemos:

[...] Deitou, fechou os olhos, tentou dormir. Mas as imagens e lembranças de conversas matutinas insistiam em vir, sem serem chamadas. Como se atendessem a um apelo invisível, que as agrupava, sangue vivo correndo oculto dentro da carne e que, a um pequeno corte, começa a fluir. Para lembrar que está sempre ali, pulsando sob a superfície da pele, garantia de estar vivo. [...] (MACHADO, 1988, p. 118)

Notamos que a personagem por meio do narrador apresenta a memória como um ato natural insistente/espontâneo, pois as lembranças chegavam sem permissão. Vemos que as imagens somadas às conversas dão força para a rememoração íntima da personagem, de modo que essas se fazem vivas e incorporadas pelo cérebro que reproduziu outrora tais realidades.

Outra informação necessária sobre a memória da personagem diz respeito ao agrupamento das suas lembranças, que, segundo o trecho, aparentam atender a uma necessidade particular e interior. Comparado ao sangue no sentido de vida, a memória apesar de ser um acoplamento invisível, se mostra forte e aceso para a personagem, sendo sentida na carne. Esta mulher cheia de lembranças é vista perante a sociedade como uma mulher que rompe os padrões tradicionais, tendo em vista a condição de opressão que a mulher sofrera durante o tempo. Helena se mostra como uma mulher que ousa relembrar do passado e contar ao seu modo sobre um contexto sangrento.

Nessa feita, vemos a lembrança espontânea como impulsionadora da rememoração das lembranças. E sobre essa, Bergson (1999) nos traz uma breve explicação:

A lembrança espontânea é imediatamente perfeita; o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e data. Ao contrário da lembrança aprendida sairá do tempo à medida que a lição for melhor sabida, tornar-se-á cada vez mais impessoal, cada vez mais estranha à nossa vida passada (BERGSON, 1999, p. 90-91)

Assim, Bergson explica que a memória espontânea difere da memória aprendida, pois a memória espontânea vem ao sujeito naturalmente, de modo que as informações surgem de modo mais preciso, enquanto que na memória aprendida os dados aparecem alterados tornando a cada passo de tempo a memória como uma terra alheia, desconhecida, sem tantos aspectos pessoais e interiores. Como vemos na ilustração a seguir:

Mas despertou lembranças. Sobretudo da sexta-feira 13. Dezembro de 1968. Marcelo tinha sido libertado na véspera. O *habeas corpus* com a ordem de soltura tinha sido concedido de manhã pelo Supremo Tribunal Federal. Junto com os demais quatro estudantes, pela ordem alfabética dos nomes. Os dos outros quatro ficaram para serem julgados mais tarde. (MACHADO, 1988, p. 208)

De acordo com a citação, percebemos que a memória que a personagem apresenta se encaixa na tipologia de memória espontânea, pois Helena expõe naturalmente a lembrança que é íntima a ela, apresentando dados precisos como dia, data e local. Na perspectiva de denúncia sobre a ditadura militar, Lena relata sobre a saída de seu irmão que era líder estudantil e por tal estava na prisão juntamente com mais outros jovens.

Entendemos também, por meio dessa, que a data “Sexta-feira 13” carrega uma simbologia, pois como é popularmente conhecida, trata-se do “dia de azar”<sup>16</sup>, o que “implica” acontecimentos negativos e más energias segundo o misticismo. Marcelo estar na prisão representava para Helena um acontecimento de desgraça, já que esse era o seu irmão e pelo fato de ambos, segundo a ficção, compartilharem da mesma repugnância à vigência e do mesmo amor à justiça. A personagem resgata fielmente a lembrança através da imagem a qual o seu corpo um dia viveu e praticou a ação.

Nesse mesmo sentido, há uma grande relação da memória com o corpo quando Bergson (1999) nos diz que o corpo é tal qual uma imagem, que atua dentro do mundo material, e que essa lança e recolhe num processo de deslocamento. Com isso, o corpo seleciona a forma como se dinamiza a imagem-memória em relação ao corpo do sujeito. Na elucidação desse aparato teórico, podemos verificar tal impostação em:

[...] Desde que não virasse hemorragia, tão fácil se esvair num fluxo incessante, sucumbir num jorro súbito. Não, não era assim o sangue da memória, essa corrente circulatória da lembrança, irrigando em veios capilares cada pedacinho da vida, chegando a toda parte, alimentando cada célula, renovando cada tecido. Era mais como uma irrigação permanente, embebendo, umedecendo o cotidiano, impregnando de sua seiva cada ato de um tempo posterior. Mas fluindo semiadormecido.” (MACHADO, 1988, p. 118-119)

---

<sup>16</sup> Acesso em: <http://www.illuminarecoaching.com/blog/sexta-feira-13-conheca-as-teorias-sobre-essa-supersticao/>

Entendemos, com base na citação, que a memória está conectada com o corpo da personagem, pois, a partir da percepção da realidade, o corpo recebe as ações dessa projeção. A personagem profere que a memória alimenta cada célula, quer dizer, a memória reacende e dá vida ao corpo, a alma e o espírito. Renova cada tecido no sentido da perspectiva de que é através das lembranças passadas que é possível refletir sobre o presente e o futuro que se estendera.

Outra definição precisa de Helena sobre a memória é o fato de ser como uma irrigação, jorrada de lembranças que lavam o corpo. Estando essa em estado semiadormecido, passível de vez ou outra reavivar e apresentar seus efeitos na personagem. Nessa discussão, podemos relacionar ao corpo social o qual se reproduz a partir das vivências da personagem Helena, de modo que é a partir de seu corpo, de suas imagens que as memórias são reabertas.

Sobre essa perspectiva de memória íntima e individual, Halbwachs (2006) nos afirma que “Haveria então, na base de toda a lembrança, o chamado a um estado de consciência individual que – para distingui-lo das percepções onde entram tantos elementos do pensamento social – admitiremos que se chame de intuição sensível” (HALBWACHS, 2006, p. 37). Ou seja, a lembrança parte de uma percepção e visualização particular, para que se aglomere a outras percepções e visualizações idênticas em massa para que se torne um pensamento social, coletivo.

Pelo exposto, vemos que a base da lembrança no que confere a memória é a consciência individual, quer dizer, a noção íntima que o ser humano tem de poder conhecer e compreender aspectos internamente. A partir dessa concepção, podemos verificar os primeiros traços elementares que fundam o pensamento coletivo, e é enfatizado sobre a intuição sensível que diz respeito ao conhecimento pessoal que temos sobre a vida, através dos estímulos sentimentais do eu de modo particular para o externo. Em consonância à lembrança considerada por Bergson (1999), vemos que:

Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida. (BERGSON, 1999, p. 179)

Bergson afirma que a lembrança é voltada à tona na consciência do sujeito quando ela vai em direção à memória pura, sem qualquer interferência. A ação é realizada assim que a lembrança passa por esse processo, e é no tempo presente que o sujeito a aciona, reavivando-a. Como no trecho do romance em análise “Deixar vir as lembranças, peneirar, separar, implicava necessariamente sentir dor de novo” (MACHADO, 1988, p. 120). Percebemos que é no presente que a personagem busca a lembrança acerca do contexto de ditadura, e lembrar desse seria como acender o passado dentro de si.

De acordo com Halbwachs (1991), em somatização a essa perspectiva, vejamos que a memória coletiva é um processo coletivo que visa reconstruir fatos do passado vivido por um grupo social na sociedade. Vale salientar que é necessário distinguir a memória coletiva da história, de modo que a história é calcada pela marcação de eventos prontos e acabados, não necessitando em grande medida propriamente a si um espaço de fala de quem pertenceu a vivência histórica.

Então, quando pensamos em memória coletiva, devemos entender que essa tem uma grande relação com a memória individual, de modo que é a memória individual que condiciona aberturas para a memória coletiva. Sobre isso, Halbwachs (2006) nos diz:

[...] para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. (HALBWACHS, 2006, p. 72)

Halbwachs aborda sobre a influência da memória individual, na qual o sujeito tem as suas próprias lembranças, mas que essas se valem de uma memória coletiva, que consiste em um novo modo de percepção e visualização dos acontecimentos sociais. Assim, o complemento da memória individual são as memórias de outros sujeitos na sociedade. Sobre essa, também podemos visualizar no trecho do romance “[...] E até hoje quando a saudade aperta muito,

Caetano e Gil é que mais viva me trazem a lembrança, gritando “Vamos passear na avenida (enquanto seu lobo não vem)” (MACHADO, 1988, p. 206).

Conforme os estudos culturais embasados em Tropicaldi (*apud* Correa (2009) acerca da arte no contexto de ditadura, bem sabemos que Caetano Veloso e Gilberto Gil foram os ícones na música do Movimento Tropicalista, que visava lançar uma nova ideologia cultural que ia de embate ao governo, na escrita e lançamentos de canções que buscavam denunciar a realidade que o povo estava vivendo e sendo impedido de expressar. Assim, até então não se havia um movimento com tal formato e intenção, dessa forma o grupo se consolidou com características particulares e peculiares que apresentavam a seu modo seus conceitos de cultura, os problemas sociais e as verdades encobertas pela não voz e vez do povo. Nessa perspectiva, instaurou-se a Tropicália, apresentando a sua postura crítica e afrontante ao poder militar.

Retomando a recordação de Helena sobre as canções de Caetano e Gil, vemos que a lembrança individual da personagem é intensificada pela rememoração da letra da música que metaforicamente retratava o contexto de ditadura militar que sucedera. “Vamos passear na avenida (enquanto seu lobo não vem)”, é uma espécie de metáfora com uma mensagem implícita embasada no conto infantil da Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau. O termo ‘bosque’ usado na canção original é substituído pelo termo ‘avenida’, no sentido de retratar sobre o perigo de sair nas ruas e correr o risco de não retornar com vida para casa. É interessante perceber que o termo ‘lobo’ utilizado na canção original não é mudado, é permanecido na pretensão de comparar os militares aos lobos, como criaturas ferozes em busca de tragar suas presas.

Paralelo a essa abordagem, como exemplo da memória individual como associação para a construção da memória coletiva no nosso romance, a personagem Helena discorre sobre o enterro de um jovem que estava em uma manifestação sobre o aumento do valor da refeição, de maneira que os ditadores o mataram e levaram seu corpo para um destino desconhecido. Sobre isso Helena relata:

[...] E a multidão seguia o caixão pelas ruas, gritando o Hino Nacional como se fosse uma resposta ao arbítrio:  
*Mas se ergues a justiça a clava forte  
 Verás que um filho teu não foge à luta,  
 Nem teme quem te adora a própria morte,*

*Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada...* (MACHADO, 1988, p. 72)

Constatamos através do fragmento que a personagem declara que um grande número de pessoas seguiram em cortejo no enterro do jovem morto pelos militares em militância. Vemos que a lembrança é vivida e descrita por Helena, porém ela se vale ainda que indiretamente de outras vozes de pessoas que também compartilharam esse momento. Assim, vemos uma memória coletiva na qual a lembrança individual comporta a citação de outras. Nessa discussão, cabe tratar sobre a memória coletiva das mulheres que trazem uma carga em relação ao gênero, como ser oprimido durante a história; nessa ainda cabe mencionar a luta e a resistência da mulher enquanto ser na sociedade, de modo que por meio da apresentação das memórias coletivas de Helena é representado o discurso das mulheres, do povo.

No que diz respeito ao confidencialismo sobre o contexto de ditadura, com base em leituras históricas, esse acontecimento do jovem morto no restaurante em uma manifestação que de fato ocorreu. Entendemos aparentemente que a autora, no uso da memória da personagem, se vale de um dos fatos verídicos que mais marcaram a ditadura militar, como recurso para a ficção ganhar mais verossimilhança e intensificar a denúncia social do contexto de ditadura.

Prosseguindo, Helena em seu início de depoimento no romance, visando o desarmar ditatorial a partir de suas experiências no exílio, afirma:

Na época do exílio, sem romantismo, que não tinha nada a ver com o de Gonçalves Dias, cantado no poema e incorporado ao hino. Vê se pode, pensava a mulher, um país fundado por degredados e que até no hino nacional lembra a dor do desterro, citando canção de exílio, andar banindo gente em pleno século XX e espalhando exilado pelo mundo. “Não permita Deus que eu morra sem que eu volte para lá.” Mesmo poema, outro hino, saudade igual. (MACHADO, 1988, p. 26)

É possível perceber que Helena denuncia sobre o seu estado de exílio e aparentemente ironiza analogicamente esse fato em contraponto com o poema “Canção do exílio” de Gonçalves Dias, que diferentemente do exílio vivido pelo

eu-lírico retratava uma saída não forçada do país, gerando uma saudade sadia sem pesadelos rondantes.

A personagem ainda enfatiza sobre o ato do exílio em pleno século XX, no fato de que o hino nacional lembra a saudade do país no ato de deixá-lo, quando o próprio expulsa o povo. Vemos ainda um trecho do poema “Canção do exílio” (1846), de Gonçalves Dias, já citado, “Não permita Deus que eu morra sem que eu volte para lá”, esse fragmento representa a incerteza sobre a vida, na questão de ser ceifada pelos ditadores ou até mesmo com o passar do tempo na estadia em outro país, sendo que a vigência não permitisse a volta.

Relacionando a questão do exílio como uma das formas de tortura sentidas não literalmente na carne e no sangue, mas sim no cativo dos pensamentos e prisão da alma, as torturas físicas também foram formas encontradas pelo governo da ditadura na tentativa de calar e imobilizar o povo. Dessa forma, Helena, ao escrever o seu texto da peça teatral de cunho denunciador sobre o contexto de ditadura, cria um acontecimento no qual uma de suas personagens da trama (Diana) tem um encontro acidental com um ex-torturador. Vejamos no seguinte fragmento:

[...] a tortura pode criar uma relação entre torturador e torturado que até parece uma possessão demoníaca. Como se o torturador ficasse morando para sempre dentro do torturado, uma coisa de nunca mais a vítima conseguir se livrar. E que é disso que ela tem mais medo, porque a vítima começa a achar que não tem exorcismo para esse demônio. (MACHADO, 1988, p. 134)

Conforme o trecho, podemos perceber uma forte e profunda explanação sobre a relação tenebrosa entre o torturador e o torturado. O termo “possessão demoníaca” aparece como uma forma de fazer uma comparação entre os militares e os demônios, além do povo como a representação dos corpos a serem possuídos. Esse termo é ainda um modo de dizer da maneira mais assombrosa que por mais que o ato de tortura passasse, o espírito carregado de maldade e perversidade estaria ali acampado no corpo do torturado, martelando no solo das lembranças particulares e rasgando as carnes e peles do ser, numa intensa sessão de pesadelos constantes incapazes de serem sanados.

Ainda sob esse viés de abordagem sobre a tortura, a personagem Helena faz a leitura de um artigo escrito pelo seu colega de trabalho no jornal, o qual a diretoria não aprovava a publicação, por apresentar uma série de denúncias e fatos constatados sobre a tortura. Vejamos:

[...] havia um espeque de madeira. [...] essa ripa com gancho de metal na ponta servia para dar choques elétricos nos presos e para levar uma cobra junto ao rosto deles. Havia também respingos no chão [...] Havia ainda dois pneus, meias usadas para amarrar as mãos e pés e uma barra de ferro de dois metros, enrolada num jornal chileno [...]. (MACHADO, 1988, p. 163)

Com base no trecho apresentado, podemos notar uma série de formas de torturas em aspectos físicos e psicológicos, numa relação de dor e medo em demonstração de um sentimento de desumanidade. Dentre elas destacam-se no recorte os choques elétricos que eram uns dos métodos de torturas mais cruéis, pois implicava na sucessão de descargas elétricas em diversas partes do corpo dos presos, provocando a morte. Outro método de tortura retratado no fragmento diz respeito ao conhecido Pau-de-Arara, consistia em uma barra de ferro na qual mãos e pés dos torturados eram atados numa posição de extrema e humilhante vulnerabilidade, sendo suscetíveis a violências sexuais, afogamento, choques elétricos, entre outras ações.

Entendemos que a leitura feita por Lena do artigo, não só demonstra a sua posição enquanto ser discordante e militante contra o regime ditatorial, mas sim uma motivação mais ampla que encontra na denúncia social um impulso maior de dar oportunidade para as suas lembranças individuais abraçarem em prantos as lembranças coletivas desse período histórico, numa perspectiva de se construir enquanto pessoa, ser social e personagem na ficção.

Nesse sentido, Helena vira nas memórias coletivas e históricas da ditadura militar uma abertura de se visualizar e se construir. Notemos:

[...] Se cair do chão não passa...Quando cresceu, descobriu que quem caísse poderia passar do chão, sim, e ser enterrado, abaixo dele. Tanto no exílio como nos meses logo antes de sair do país, uma das maiores fontes de angústia geralmente começava assim. Fulano caiu... Maneira de dizer que Fulano foi preso. E a partir da notícia, vinham as outras dores. (MACHADO, 1988, p. 250)

Conforme o recorte retirado do romance, entendemos a partir da leitura do texto que o avô de Helena lhe dissera, quando menina a frase popular “Se cair do chão não passa”, no sentido de que se a menina caísse ou se machucasse, seria algo temporário, passageiro. Mas, quando Helena se tornou mulher e se encontrara no contexto de ditadura militar, percebera que aquela frase não soara com a mesma leveza de outros tempos, que a dor de cair ao chão poderia ser a dor mais insuportável do mundo. O termo ‘chão’ no primeiro sentido aparece como sendo o solo amortecedor da queda, já no segundo se mostra como um buraco negro que a morte, através dele, quer sucumbir.

Nessa questão, Helena relembra novamente sobre seu exílio e alinhava esse ponto a memórias de dizeres coletivos acerca das mortes, prisões e torturas. A mulher entendera agora que na ditadura militar o termo “cair” significara um caminho sem volta, a ruína de si mesmo, a desonra e o desfalecer do ser de natureza humana, tecendo a História por meio de sua história. Assim, Lena expõe:

[...] Outra história, outras histórias, a mesma História que flui sem interrupção ligando tudo que se passa debaixo do sol. Estava lá na Bíblia, Lena lembrava de ter lido, embora não soubesse a palavra exata. O sol se levanta, o sol se põe, uma geração vem, outra vai, os homens passam, a Terra continua. (MACHADO, 1988, p. 343)

De acordo com a citação apresentada, a personagem Helena deixa claro sobre a relação de sua história particular e afetiva, com outras histórias vozeadas e agrupadas em memória coletiva ligando-as em uma só história, que se configura numa perspectiva histórica. Lena novamente remete a imagem do sol como o sagrado elemento que estivera sempre acima, iluminando e amparando com os seus abraços em formas de raios. Embora venham e vão homens, venham e vão histórias e com elas tragam lembranças e memórias, a Terra continua, o coração continua e o livro da vida estará aberto à escrita das canetas permanentes do tempo.

Em suma, Helena se apresenta no romance como uma mulher a frente de seu tempo, capaz de fazer um resgate histórico que vozeia sobre o contexto de ditadura sob a visão sua como mulher e povo de um modo geral. Suas memórias íntimas, afetivas e coletivas aparecem no romance entrelaçadas, de

modo a nos fazer associar e reconhecer que a constituição de si como personagem no romance acontece por meio de suas memórias e relatos pessoais com nuances históricas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ana Maria Machado, em seu romance *Tropical sol da liberdade* (1988), sob as perspectivas das nuances entre a ficção e a realidade, expressa através de sua personagem protagonista Helena a visão crítica acerca do contexto de ditadura militar nos anos 60 e 70. Trazendo à tona confissões declaradoras pautadas por memórias a respeito de suas vivências e experiências pessoais dentro e fora da imprensa na época do regime, bem como a descrição de situações acontecidas a si e a seus familiares, numa interligação dessas com fatos históricos sucedidos no país nesse período.

A autora em seu romance faz uso de uma linguagem culta, num misto de ficção, realidade e poesia, ainda se utiliza de várias intertextualidades como a menção dos poemas: “*Canção do Exílio*” de Gonçalves dias, “*A flor e a Náusea*” de Carlos Drummond de Andrade, *Salmo 91* da Bíblia Sagrada entre outros. Ana Maria se vale da ironia, da crítica e da autorreflexão no convite a uma reflexão coletiva, moldando o corpo e lançando a voz feminina de Helena.

Nosso trabalho buscou evidenciar, com base na construção do perfil da personagem Helena o desarmamento das informações sobre o período de ditadura militar numa perspectiva de versão feminina, através das memórias da personagem Helena. Com base nesse objetivo, em alguns momentos percebemos a alusão de Ana Maria Machado ao contexto ficcional, de modo que essas se assemelham em medida no quesito historiográfico mostrado em análise, além de ambas romperem com o silêncio em um contexto o qual se intensificara uma sociedade de essência puramente patriarcal, dando forma a uma nova mulher, a uma mulher de voz.

No decorrer de nossa pesquisa, foi possível observar com base nas discussões de literatura e sociedade, como se deu a trajetória historiográfica da mulher em relação a seu perfil e representação no decorrer do tempo. Trazendo abordagens sobre as primeiras mulheres criadas segundo os contos universais: Eva e Pandora, a mulher nas primeiras civilizações, passeando pelos resquícios

da mulher na Revolução Francesa e Industrial, na resultante de como se encontra a mulher e suas interrogações na atualidade. Percebemos, com isso, que o histórico sobre a mulher se tratara de constantes avanços e retrocessos, levando a figura feminina a não ter o seu espaço integral dentro da sociedade.

Dentro desse âmbito, visualizamos a personagem Helena como uma mulher nascida no sistema familiar patriarcal, com base na autoridade vista em sua mãe, Amália. Lena, apesar de suas pendências internas com o marido em estado de separação, enxerga a força em sua mãe e se mostra uma mulher de fibra tal qual, representando no romance a dona da palavra e a detentora da versão feminina sobre os fatos circulares ao período de ditadura militar, com base na sua percepção e valores como o amor e a justiça.

No que diz respeito à mulher e a ditadura militar, estabelecemos para estudo e averiguação as óticas do ser, estar e o sentir da mulher nesse contexto. Nessa conjectura, obtivemos as discussões que geraram os entendimentos da mulher como um ser militante ou resignado trazendo as ilustrativas declarações de Regina von der Weid, Ana Bursztyń juntamente com as da personagem Helena. O estar, constatamos como sendo a posição da mulher enquanto ser inferior (juntamente com os negros e os índios), e o sentir dizem respeito aos sentimentos próprios da violência do corpo e da alma.

Em relação às nossas duas categorias centrais de pesquisa empreendidas em nosso objeto de estudo que foi a personagem Helena, conseguimos esmiuçar dados dentro da nossa proposta de análise com base nas teorias da personagem e de memória. Compreendemos que a personagem é criada a partir das concepções do autora/criadora e da imitação da realidade de um ser com características que variam conforme a intenção e contexto o qual o escritor define como base da ficção.

Constatamos que a personagem Helena é construída a partir de suas memórias íntimas e coletivas, juntamente com a memória histórica da ditadura militar. Seu auto reconhecimento e construção como mulher que delineia um perfil de militante e contribuinte com a militância, apresentando seu grande componente de constituição moral, a justiça.

O romance *Tropical sol da liberdade* é mais uma leitura para questionarmos o período da ditadura militar, de extrema relevância para a compreensão do período da ditadura, contendo ainda que na base da ficção

relatos históricos importantes ao contexto. É uma leitura na qual prende o leitor a história, fazendo com que as palavras unam-se as imagens cerebrais projetadas através da leitura, trata-se de uma leitura de confidências, porém de humanidade através dos personagens e do enredo.

O título do romance *“Tropical sol da liberdade”*, nos transmite a ideia de uma região na qual a personagem e numa perspectiva geral o povo se encontra, tendo o sol como clarão e anunciação de liberdade, sendo esse um evento acontecido após de um período de nuvens negras e tempestivas sombrias que foi o período de ditadura militar.

Helena está em cada um de nós, debaixo da pele e até mesmo na alma quando percebemos uma realidade social a qual nos impede de sermos e de ocuparmos o nosso lugar na sociedade, tendo participação e voz. *Tropical sol da liberdade* é uma literatura de denúncia, de memória, de narração e acima de tudo transparência no que diz respeito ao ideal da busca pelo espaço da mulher, do homem, do branco, do preto. Na busca, de acima de tudo calar a quem nos quer calar, no sentido de que o poder maior está no brado do povo que tem sede e fome de justiça.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ARAÚJO, Maria Paula. SILVA, Isabel Pimentel da. SANTOS, Desirree dos Reis. (org) **Ditadura Militar e democracia no Brasil**: História, imagem e testemunho. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito; tradução Paulo Neves – 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Matéria e Memória**. Tradução de Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1896.

BONALD, Louis de. **Oeuvres Complètes de M. de Bonald**. Paris: J. P. Migne Editeur, 1859.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. **A personagem**. 8. ed. São Paulo : Ática, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1976.

CARDOSO, Luís Miguel. **A PROBLEMÁTICA DO NARRADOR**: Da Literatura ao Cinema. Disponível em: ><http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R10-04-LuisMiguel.pdf><. Acesso em 27 set. 2017.

CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes. **Da crítica feminista e escrita feminista**. Revista Criação & Crítica, n.8, p. 1-11, abr. 2012. Disponível em ><https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/viewFile/46837/50598><. Acesso em 15 set. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: O minidicionário de Língua Portuguesa. 4 ed. ver. Ampliada – Rio de Janeiro, 2001.

DIAS, Gonçalves. **Canção do Exílio**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1846.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

\_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 1991.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. **Na contramão da ordem vigente**: A mulher no contexto da ditadura militar em *Tropical Sol da Liberdade*, de Ana Maria Machado. (Dissertação de Mestrado) Maringá, 2008.

LEAL, Carolina. **Os múltiplos caminhos de Ana Maria Machado**. Jornal do Brasil, 2009. Disponível em: ><http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/05/01/os-multiplos-caminhos-de-ana-maria-machado/><. Acesso em 19 set. 2017.

HUTCHEON, Linda. **A poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **A via crúcis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1974.

MACHADO, Ana Maria Machado. **Tropical sol da liberdade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

\_\_\_\_\_. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/ana-maria-machado/biografia>. Acesso em 12 ago. 2017.

MARIGHELLA, Carlos. **Rondó da Liberdade**. São Paulo, Presídio Especial, 1939.

MEIRELLES, Renata. **Da memória para a história: experiências e expectativas de mulheres subversivas na ditadura militar**. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93420939007>. Acesso em 06 set. 2017.

MILITZ, Lígia. **A poética de Aristóteles: mímese e verossimilhança**. São Paulo: Ática, 1971.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Trad. Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Vega, 1992.

MONTERO, Rosa. **Histórias de mulheres**. Tradução de Joana Angélica D'Avila. RJ: Agir, 1995.

NASCIMENTO, Ingrid Faria Gianordoli. TRINDADE, Zeide Araújo. AMÂNCIO, Lígia. **Mulheres brasileiras e militância política durante a ditadura militar brasileira**. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, 2014. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/21898172/mulheres-brasileiras-e-militancia-politica-durante-a-ditadura-militar-brasileira>. Acesso em 10 ago. 2017.

NASCIMENTO, Milton. **Maria Maria**. Rio de Janeiro, Gravadora Nascimento, 1978.

PEREIRA, José Carlos. **A eficácia simbólica do sacrifício: Estudos das Devoções Populares**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

RASINHAS, Raquel. Castro, Beatriz. SOARES, Washington. CASTRO, Perla de. (org) **Revista Lítère-se**, p.1, 9 mar. 2017. Disponível em: <http://revistalitere.com/ana-maria-machado/>. Acesso em 15 ago. 2017.

VARGAS, Andrea Quilan de Vargas. UMBACH, Rosani. (org.) **O Ressentimento dos exilados em Tropical Sol da Liberdade, de Ana Maria Machado: Uma questão sensível**. Revista Estação Literária, v. 10B, p. 81-97, Londrina, jan. 2013.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **A Ditadura brasileira em obras de autoria feminina.** Letras em Revista, v. 1, n. 22 (2014). Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=nonada&page=article&op=view&path%5B%5D=883&path%5B%5D=567>. Acesso em 20 ago. 2017.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. Revista Diálogos literários, n. 1, p-15, mai. 2013. Disponível em: <https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/05/crc3adtica-feminista-parte-1.pdf>. Acesso em 19 set. 2017.